



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

PAULA WÊNIDIA DA SILVA PAULINO

PIBID SOCIOLOGIA:

**MEMÓRIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA
E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

**SUMÉ - PB
2019**

PAULA WÊNDIA DA SILVA PAULINO

PIBID SOCIOLOGIA:

**MEMÓRIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA
E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Professor Dr. Rozenval de Almeida e Sousa.

**SUMÉ - PB
2019**

B333m Batista, Ana Cristina Gomes.

Meu espaço é o Alto Alegre: Pertencimento, memórias e estigma. / Ana Cristina Gomes Batista. - Sumé - PB: [s.n], 2019.

53 f.

Orientador: Professor Dr. Rozenval de Almeida e Souza.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura em Ciências Sociais.

1. Formação docente. 2. Iniciação à docência. 3. PIBID – Ciências Sociais. 4. Conhecimento poderoso - Michael Young. 5. Memórias – Curso de Licenciatura em Ciências Sociais – CDSA. I. Souza, Rozenval de Almeida e. II. Título.

CDU: 305(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

PAULA WÊNDIA DA SILVA PAULINO

PIBID SOCIOLOGIA:

**MEMÓRIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA
E TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Ciências Sociais

BANCA EXAMINADORA:

Professor Dr.
Orientador

... de Almeida e Sousa
UACIS/CDSA/UFCG

Júnia Marússia Trigueiro de Lima

**Professora Dr^a. Júnia Marússia Trigueiro de Lima.
Examinador I – UACIS/CDSA/UFCG**

Pr
Ex

Monteiro.
SA/UFCG

Trabalho aprovado em: 11 de dezembro de 2019.

SUMÉ - PB

À minha amada avó, Josefa Alice (*In
memorian*), aos meus pais, minha irmã e ao
meu amado, Clóvis Gaião. DEDICO. Essa
vitória é nossa!

AGRADECIMENTOS

Tornar-se cientista social representa, a materialização de um sonho. Chegar até aqui foi uma caminhada árdua, precisei lutar com muita fé, perseverança, paciência e determinação. E nada disso seria possível sem a contribuição de algumas pessoas muito especiais. Chegou a hora de agradecer.

Gratidão a Deus, meu Pai todo poderoso, pelo dom da vida, pelo seu amor infinito e por apontar o caminho certo, quando fiquei em dúvida. Sem Ele, nada sou.

Agradeço, infinitamente, às pessoas mais importantes da minha vida, meus pais Maria da Guia e Everaldo e a minha irmã Iviny Vitória, por todo apoio, amor, incentivo e por cada oração ao meu favor.

À minha amada voinha, Josefa Alice (*in memorian*). Ela foi e sempre será meu tudo, meu exemplo de mulher forte. Costumo pensar nela como uma grande propulsora de coragem.

Agradeço à minha família, em especial, às minhas amadas tias Maria Aparecida e Josineide, Maria de Lourdes e Maria da Conceição bem como ao meu tio Heleno por todo amor e apoio.

Ao meu companheiro de vida, de luta e de alma, Clóvis Gaião. Por ser a primeira pessoa me olhou e disse que eu seria capaz de superar todos os desafios, que segurou a minha mão com amor, acompanhou os movimentos, sonhos e angústias do meu coração e viu germinar, brotar e florescer esse e tantos outros trabalhos meus. Essa monografia é um fruto. Obrigada pelo seu coração, você nunca foi embora...

Aos meus grandes amigos, conquistados ao longo da minha trajetória escolar acadêmica e profissional Hiarly Gonçalves, Maria Eduarda, Milenna Jordana, Ellen Cristina, Thaynara, Francilene, Renata, Epídio, Tatyane, Elza, Isabela, Felipe, Sarah, Douglas Viana Gesen, Erasmo, Carlos André, João Lipke, Elisângela, Claudia Simone e João Arthur. Este trabalho tem um pedaço de cada um de vocês.

Obrigada tio Sidney e tia Eliene, vocês são referência para mim, fizeram também o que sou.

À minha mãe de coração Elionalva e minha irmã Dandara. Obrigada por me acolherem com ternura e amor sempre que eu precisei.

O meu muito obrigada a Jailson e a Eliana, pela oportunidade de colocar em prática os conhecimentos adquiridos no curso de ciências sociais. Vocês me ensinaram a ser gigante e a lutar constantemente por uma sociedade mais igualitária. Minha eterna gratidão.

Tive muitos professores que deviam ser citados aqui. Simbolizo eles em Kátia Carina e Vilma Soares, professoras inspiradoras, elas me ensinaram muito além das teorias.

A todos os professores e orientadores que acompanharam meu percurso, ao longo dos últimos anos. Deixo uma palavra sincera de gratidão, porque sem essa paciência e sabedoria eu jamais seria esta pessoa tão realizada.

Em especial, eu agradeço a meu Orientador, com O maiúsculo, professor Rozenval Estrela. Um doutor em ser humano, que me ensinou, com suas palavras, reflexões e conversas, que dar brilho ao olhar das pessoas é um bom motivo para se fazer ciência. Obrigado pela atenção e paciência de sempre, por ter me apontado os caminhos e ensinado a segui-los, por dizer sempre o “vai dá tudo certo!” “e vamos para frente”. Obrigado por sempre ter acreditado em mim, Estrela!

A sociologia que, entre todas as ciências, é a mais bem posicionada para conhecer os limites da “força intrínseca da ideia verdadeira”, sabe que a força das resistências que lhe serão opostas estará exatamente à altura das “dificuldades da vontade” que ela terá conseguido superar.

Pierre Bourdieu (1930-2002)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apontar, em diversos relatos de experiências da trajetória do processo do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais bem como de projetos extracurriculares, a assertiva analogia com o conceito de “conhecimento poderoso”, do sociólogo Michael Young. De cunho bibliográfico quantitativo e qualitativo, foram feitas entrevistas, posteriores à leitura da obra *PIBID: memórias de iniciação à docência*. Estas tiveram como fim evidenciar, nos dias atuais dos alunos do PIBID, quais as implicações do projeto no percurso acadêmico e no sentido profissional, após à conclusão do curso. Sabendo que o ensino de Sociologia tem características peculiares quanto ao seu caráter reflexivo, crítico e argumentativo, presenciou-se desafios no sentido de abertura social para a Sociologia, muito embora seu sentido transformador tivera rendido bons frutos quanto à formação do profissional docente e em termos pessoais. De modo que podemos reconhecer no “conhecimento poderoso” as características cruciais que a educação, uma vez agregada à realidade do aluno, é capaz de atingir variáveis níveis de resultados positivos. Os resultados alcançados nesse trabalho, ficou evidente nas memórias relatadas, mas também dizem respeito à relevância da disciplina de Sociologia como luz para a Educação, bem como os efeitos transformadores do PIBID no processo de formação como construção da identidade docente e nas perspectivas em geral da vida dos participantes do projeto.

Palavras-Chave: Sociologia. Ensino. Memórias. Trajetórias.

ABSTRACT

This paper aims to highlight, through various accounts of experiences the trajectory from the process of the degree Course in Social Sciences and extracurricular projects, the assertive analogy through the concept of "powerful knowledge" of sociologist Michael Young. Of a quantitative and qualitative bibliographic nature, interviews were conducted after the reading of the work PIBID (Memoirs of initiation to teaching), which had as their purpose to emphasize which are the implications of the project in the academic and professional trajectory of the PIBID students. Knowing that the teaching of Sociology has peculiar features in terms of its reflective, critical and argumentative character, we witnessed challenges in the sense of social openness to Sociology although its transforming sense had produced positive results of the professional and personal terms. As such, we can recognize in the "powerful knowledge" the crucial characteristics that education, once added to the reality of the student, is capable of achieving variable levels of positive results. The results achieved in this work was evident in the memories taken yhe relevance of the Sociology discipline as a light for Education, as well as the transformative effects of PIBID in the formation process as a construction of the teaching identity and in the general perspectives of the project participants lives.

Keywords: Sociology. Teaching. Memoirs. Trajectories.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 10 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 12 |
| 2.1 A NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A PERSPECTIVA DE MICHAEL YOUNG..... | 12 |
| 2.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA..... | 12 |
| 2.2.1 <i>Análises e relatos entre a disciplina e a docência.....</i> | <i>16</i> |
| 2.2.2 <i>Professores do projeto PIBID de Ciências Sociais - UFCG/Sumé.....</i> | <i>23</i> |
| 3 BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/UFCG CAMPUS SUMÉ..... | 28 |
| 3.1 O PROGRAMA DE INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)..... | 34 |
| 4 MEMÓRIAS PIBIDIANAS..... | 36 |
| 5 TRAJETÓRIAS PROFISSIONAIS..... | 40 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 51 |
| REFERÊNCIAS..... | 53 |

1 INTRODUÇÃO

A escolha desse tema tem características incisivas acerca do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência, o PIBID do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Isto porque, além de ter feito parte do projeto (agosto de 2013 à maio de 2017) do CDSA Campus Sumé, tive a satisfação de ter acesso ao livro *PIBID: memórias de iniciação à docência*, lançado no ano de 2013.

Partindo dos pressupostos levantados pelo autor Michael Young, coube nessa pesquisa levantar, em caráter crítico, reflexões a partir do processo de formação do professor. No intuito de perpassar pelo conceito de conhecimento poderoso e desencadeá-lo na prática docente – mediação ensino e aprendizagem.

No entanto, esta pesquisa justifica-se, também, através da abertura que se tem ao analisar as práticas educativas adotadas pelo PIBID de Ciências Sociais como fontes de uma compreensão dos pressupostos diariamente enfrentados pela área de Ciências Humanas. Além de mostrar que, através de planejamento, pesquisas e trabalho em grupo, pode se chegar a resultados excelentes, tanto para professores e futuros professores quanto para alunos do Ensino Médio.

Este estudo tem como escopo analisar os relatos de componentes do PIBID de Licenciatura em Ciências Sociais sob a ótica do empenho para a busca de consequências positivas, durante o percurso da graduação e posterior a esse. Assim como, abrir uma conversação com autores da área de Sociologia, ao utilizar como elemento uma discussão paralela às vivências do PIBID. Deste modo, evidencia não só os fatores de satisfação alcançados, mas absorve, a partir dos desafios encontrados, motivação suficiente para superá-los. E, portanto, reconhecê-los como latentes, porém, não estáveis.

No que diz respeito ao livro *PIBID: memórias de iniciação à docência*, este reúne relatos de experiências de alunos e professores do PIBID/Sociologia de cinco instituições de Ensino Superior: Universidade Federal de Campina Grande; Universidade Federal de Sergipe; Universidade Federal da Paraíba; Universidade Federal da Bahia e Universidade Federal do Vale do Acaraí (Ceará). De maneira que houve uma organização dos professores José Rodorval Ramalho e Rozenval de Almeida e Sousa. Embora este trabalho esteja voltado, exclusivamente, para as experiências da Universidade Federal de Campina Grande.

Diante disso, o primeiro capítulo está dividido em quatro tópicos: no primeiro momento, inicia-se com uma análise bibliográfica acerca das considerações de Michael Young, o respeito *A nova Sociologia da Educação*, em que o mesmo faz uma nova definição do que o

conhecimento esteja atrelado, neste caso, aos currículos. *A nova Sociologia da Educação: o conceito de conhecimento poderoso* serve, pois, para embasarmos a presente pesquisa. E, a partir dos relatos e discussões que seguem, fazemos analogias e observações quanto às suas contribuições.

No segundo momento, são feitas considerações acerca da formação do professor de Sociologia sob uma perspectiva histórica e que, no entanto, trataremos da atual conjuntura em que a área se encontra. Sob essa perspectiva, usamos, nessa produção, as contribuições dos autores Ana Lucia Lennet, Corolina Branco de Castro Ferrerira, e Geovânia da Silva Toscano. Os quais, por meio de discussões conceituais sobre os docentes em Sociologia, trazem um aparato de relatos e considerações a respeito do curso e dos projetos desenvolvidos como consequências. E, por fim, fechamos o primeiro capítulo dando ênfase aos professores do projeto Pibid que compõe o livro *PIBID: memórias de iniciação à docência*.

Por sua vez, o segundo capítulo desta produção está destinado a um breve contexto histórico com relação à implantação do curso de Licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), na cidade de Sumé – PB, no Cariri paraibano, no ano de 2009. Como consequente, o terceiro capítulo, é caracterizado por duas vertentes: subjetiva e objetiva – a busca pela rememoração das atividades executadas e seus reflexos no tempo presente daqueles que viram as teorias tomarem forma nas práticas educativas. Para tanto, se utiliza das memórias de 20 alunos bolsistas e que estão expostas na obra já citada, de *memórias do Pibid*. Na quarta e última parte desta pesquisa, evidencia-se a trajetória dos egressos que diz respeito a um material conseguido a partir de um estudo de campo com os alunos que compuseram o livro das memórias do Pibid.

Em síntese, esse trabalho evidenciou inúmeros elementos socioculturais, que podem ser vistos também como participantes da formação da identidade do futuro docente. Uma vez que os mesmos estão presentes nas condições anteriores ao ingresso do curso superior de Licenciatura em Ciências Sociais e posterior a esse, que, por intermédio do PIBID citado, desenvolveu-se a pesquisa como crescimento intelectual. Com isso, a certeza advém da boa prática educativa, o auxílio para a construção de uma consciência que enxergue as problemáticas sociais e que, sobretudo, reconheça e faça com que o indivíduo perceba-se capaz de superá-las, ao vislumbrar a educação como ponte que leva a essa superação.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A NOVA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO E A PERSPECTIVA DE MICHAEL YOUNG

Michael Young (1915-2002) foi sociólogo, político e ativista social britânico. Desenvolveu um estudo referente ao currículo escolar como principal objeto de análise com ênfase no conhecimento – a maneira como qual se dá a sua organização, a seleção de conteúdos e como é compreendido no âmbito escolar. Exponente na Nova Sociologia da Educação (NSE), Young traçou uma discussão acerca de uma corrente sociológica que estivesse voltada para o currículo.

Nessa perspectiva, Young rompe com a tradição das investigações sociológicas da educação, isso porque, na sua visão, um novo tipo de referência deve ser dado. Desse modo, essas referências são o currículo e os processos pedagógicos. Sua investigação diz respeito ao modo como a maneira de organização do conhecimento contribui para a manutenção das desigualdades.

Ao levar em consideração essa premissa, o conceito de Young que pretendemos trabalhar é o de *conhecimento poderoso*, disponível no artigo *PARA QUE SERVEM AS ESCOLAS?*(2007). O autor, pois, expressa a importância das escolas e traça uma discussão a respeito dos tipos de conhecimentos: escolar e não-escolar.

A isso eu chamo não diferenciação da escolaridade. As escolas são tratadas como um tipo de agência de entregas, que deve se concentrar em resultados e prestar pouca atenção ao processo ou ao conteúdo do que é entregue. Como resultado, os propósitos da escolaridade são definidos em termos cada vez mais instrumentais, como um meio para outros fins. Com as escolas sendo controladas por metas, tarefas e tabelas comparativas de desempenho, não é de se espantar que os alunos fiquem entediados e os professores sintam-se desgastados e apáticos. (YOUNG, 2007, p.1291).

Com isso, entende-se que a contemporaneidade e/ou capitalismo exercem uma tendência que este “conhecimento poderoso” precisa-se chegar para aqueles menos favorecidos economicamente. O que se pode dizer o contrário, quando o autor faz uso do “conhecimento dos poderosos”, explicitando, assim, que parte dos indivíduos tem acesso à uma educação diferenciada, baseada estritamente na sua condição econômica.

Ao usar a palavra “conhecimento” em termos gerais, considero útil fazer uma distinção entre duas idéias: “conhecimento dos poderosos” e “conhecimento poderoso”. O “conhecimento dos poderosos” é definido por quem detém o conhecimento. Historicamente e mesmo hoje em dia, quando pensamos na distribuição do acesso à universidade, aqueles com maior poder

na sociedade são os que têm acesso a certos tipos de conhecimento; é a esse que eu chamo de “conhecimento dos poderosos”. (YOUNG, 2007, p. 1294)

Percebe-se que a posição de Young em *O currículo do futuro: da “nova sociologia da educação” a uma crítica do aprendizado* (2000) é demasiada crítica contra o tipo de conhecimento passado nas escolas. Em virtude de que alega que os conteúdos dos currículos são insuficientes para o verdadeiro conhecimento, que aqui pode ser entendido como de fato capaz de emancipar. A partir desse ponto, podemos compreender como o autor avalia e propõe os verdadeiros critérios para um conhecimento verdadeiramente elaborado. O mesmo afirma:

A concepção de “currículo como fato” é enganadora de inúmeras maneiras. Apresenta o currículo como algo que tem vida própria e obscurece os contextos sociais em que se insere; ao mesmo tempo, apresenta o currículo como dado – nem inteligível nem modificável. Em sua tentativa de trazer de volta os professores e os alunos ao currículo, nega sua realidade externa e dá ênfase excessiva a intenções e ações subjetivas de professores e alunos, como se eles estivessem sempre agindo sobre um currículo que é em parte externo a eles e procedente deles (YOUNG, 2000, p. 43).

À vista disso, a maneira como a qual os currículos são elaborados pode ser entendida como imóvel, ou seja, que não entra em acordo com o contexto social. E, no entanto, haveria de ter abordagens externas que demonstrassem teoricamente que os fenômenos sociais tem causas e efeitos também externos.

É imprescindível salientar que, na década de 70, Michael Young esteve centrado nas seguintes ideias argumentativas: a educação e o conhecimento são indissociáveis; o conhecimento através do currículo não é dado, é uma construção social. Essas considerações de Young são sem dúvidas peças chaves para compreendermos o tipo de conhecimento que se é passado nas escolas. Porém, paremos para pensar na formação dos professores de Sociologia, tendo em vista que o autor critica a NSE do ponto de vista que essa seria instrumentalizada, remota e quiçá técnica.

Dessa forma, trata-se de um perigo sem tamanho, uma vez que, para o autor a Sociologia, tem como foco desdobrar os fenômenos sociais e encontrar na dinâmica do cotidiano os subsídios necessários para a resolução das problemáticas que o circunda. Ao voltarmos-nos para o conceito de “conhecimento poderoso” de Young, notamos em sua fala a importância deste como escopo das ações:

Assim, precisamos de outro conceito, no enfoque do currículo, que chamarei de “conhecimento poderoso”. Esse conceito não se refere a quem tem mais acesso ao conhecimento ou quem o legitima, embora ambas sejam questões importantes, mas refere-se ao que o conhecimento pode fazer, como, por

exemplo, fornecer explicações confiáveis ou novas formas de se pensar a respeito do mundo (YOUNG, 2007, p. 1294).

Entendemos, pois, que essas formas de pensar o mundo tem de ser trazidas por fontes confiáveis, desde o currículo da academia até o do ensino básico. Determo-nos acerca desse elemento no tópico seguinte, com ênfase à área de Sociologia. Assim, buscamos analisar, sob a ótica de Young, o processo de formação desse profissional, até chegarmos a reflexões que perpassem o campo teórico.

2.2 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE SOCIOLOGIA

Iniciamos esta discussão enfatizando que, embora o curso de Ciências Sociais tenha se consolidado no meio acadêmico, é indispensável reconhecer os desafios recorrentes dessa área, principalmente, no que se diz respeito à sua inserção no Ensino Médio. Haja vista que, Ciências Sociais/Ensino de Sociologia, no Brasil, são classificadas por conter elementos políticos, ideológicos e culturais. Contudo, quais de fato serão as características que esse ensino deve conter para compor os currículos? Haverá parâmetros decisivos para uma disciplina que, ao mesmo tempo, apropria-se de contextos históricos e, no entanto, é indiscutivelmente dinâmica? Isto posto, traçaremos uma discussão que esteja envolta aos argumentos de autores, afim de que possamos dialogar com aspectos levantados por Michael Young, mas que não torne essa discussão uma dicotomia.

Em primeiro lugar, faz-se necessário o reconhecimento de que a área da Sociologia carrega, em sua gênese, uma especificidade que, de tão peculiar, corrobora nos desafios pertinentes desse âmbito. Ora, se estamos tratando de um estudo da sociedade, subentende-se que esse seja dinâmico, ao considerar que o contexto histórico é elemento crucial para o fortalecimento do conhecimento. Embora saiba-se que esse argumento não se dissocia dos estudos passados. Muito pelo contrário, a partir das causas e consequências passadas, podemos traçar analogias e encontrar saídas, que, por exemplo, antes não eram visíveis. A esse respeito, pergunta-se: E como de fato deve ser a formação do profissional responsável por levantar todas as questões e sobre tudo despertar o sendo crítico-reflexivo de uma sociedade emblemática?

Young destaca a área de sociologia como importante o bastante para difundir o conhecimento na sociedade. Para tanto, entra o papel do professor para pensar os processos de escolha de conteúdos para a consolidação dessa disciplina no âmbito escolar. Neste ponto,

voltamos ao conceito de conhecimento poderoso que podemos dizer ser o âmago dos estudos do autor. Young (2016, p. 34) explica que:

Conhecimento poderoso é aquele que se inspira no trabalho de comunidades de especialistas, que denominamos de comunidades disciplinares, que são formas de organização social para a produção de novos conhecimentos. Na Inglaterra, assim como em outros países, especialistas em disciplinas acadêmicas têm trabalhado com professores das escolas, os quais, por sua vez, estudaram uma ou mais dessas disciplinas acadêmicas e, ao se prepararem para serem educadores, tornaram-se especialistas em disciplinas escolares. Eles se baseiam no conhecimento que têm sobre como as crianças aprendem e sobre as etapas de desenvolvimento dos alunos para criar as disciplinas escolares que estabelecem as possibilidades para que os estudantes avancem na sua aprendizagem.

Em outras palavras, o conhecimento poderoso é um trabalho que gera consequências positivas na sociedade. Portanto, aquele que encarrega-se de trabalhar para a produção desse conhecimento tornando-se educador, detém de fato as possibilidades de aprendizagem para seus receptores, ao fazer-se um adentro à concepção de mediação como papel do professor. Entende-se, aqui, não como um parâmetro de levar o conhecimento, mas como o intermédio que o professor, aquele que detém o conhecimento, desencadeia na efetiva aprendizagem do aluno. Esse aspecto, vemos claramente nas considerações de ALMEIDA, ARNONI e OLIVEIRA (2007, p 20):

A mediação é precedida de uma ação da qual somente o professor se ocupa ao realizar o planejamento da aula – com a seleção e preparo do conteúdo de ensino–, resultando, a seguir, no momento em que a aula se desenrola, na mediação estabelecida entre o professor, que realiza o ofício do ensino – compreendido por nós como a relação que este desenvolve com o conhecimento –, e o aluno, que realiza a aprendizagem – por nós concebida como a relação entre ele e o conhecimento.

Desse modo, podemos pensar no quão importante é a formação do mediador de conhecimento. Pensemos também que, na área de sociologia, os fenômenos sociais que cotidianamente acontecem devem ser levados em consideração pelo professor, ou seja, a realidade do aluno não deve ser menosprezada, desde a elaboração do currículo escolar, preparação da aula, até sua execução. Quanto a isso, Young (2007, p. 13) pontua:

O currículo tem que levar em consideração o conhecimento local e cotidiano que os alunos trazem para a escola, mas esse conhecimento nunca poderá ser uma base para o currículo. A estrutura do conhecimento local é planejada para relacionar-se com o particular e não pode fornecer a base para quaisquer princípios generalizáveis. Fornecer acesso a tais princípios é uma das principais razões pelas quais todos os países têm escolas.

Neste sentido, percebemos, mais uma vez, a posição do autor quanto à sua preocupação ao contexto social do aluno. As ênfases dadas em seus escritos fomentam a ideia de que o conhecimento quando bem elaborado e bem passado tem a capacidade de emancipar o indivíduo, preparando-o para a sociedade. Eis, portanto, a importância educação:

A pedagogia é sempre uma relação de autoridade (lembrem-se da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky: a diferença entre o que o estudante e o professor sabem e devemos aceitar essa responsabilidade. É justamente aí que entra a teoria do currículo. A educação preocupa-se, antes de mais nada, em capacitar as pessoas a adquirir conhecimento que as leve para além da experiência pessoal, e que elas provavelmente não poderiam adquirir se não fosse à escola ou à universidade. (YOUNG, 2014, p. 196).

Em linhas gerais, a prática educativa, agregada à preparação dos conteúdos e, sobretudo, à verdadeira intenção do educador, ênfase aqui de sociologia, abre espaços para que os indivíduos vivenciem experiências que perpassam a sua realidade. Além de que corrobore não em uma aceitação negativa de seu ponto de vista social, mas conhecedor que os instrumentos de transformação do mundo estão ao seu alcance através do conhecimento.

O propósito da prática educativa é promover intervenções na forma de o aluno pensar o conteúdo de ensino e o mundo, levando-o a compreender como ser social particular que se forma na relação com o mundo e que, dependendo da qualidade dessa relação, pode, ao transformar-se, transformar as relações sociais do ambiente que lhe é circundante. (ALMEIDA, ARNONI, OLIVEIRA, 2007, p. 163).

Dessa maneira, no Brasil, a hegemonia na educação, está à mercê da contemporaneidade. Tal fato tende a contribuir com as desigualdades sociais, políticas e educacionais. Todavia, isso não implica em dizer que os indivíduos desfavorecidos precisem permanecer sob essa lógica. Eis, portanto, o papel do educador com o conhecimento poderoso. Mesmo que pareça que a escola, num geral, tenha se tornado um campo de desvalorização do conhecimento, em virtude de que sua especificidade vem se perdendo ao longo do tempo. Apesar disso, os valores passados pelos professores não estão de acordo com a necessidade estabelecida pelas instituições, mas a própria sociedade passou a enxergar a escola como lugar em que o professor haveria de desempenhar o papel destinado aos pais.

2.2.1 Análises e relatos entre a disciplina e docência

O campo da Sociologia sofreu, durante a história, variáveis marcos quanto à sua estabilidade perante a educação. Isto porque, além de ser um campo que há presente uma

múltipla carga de investigações, devido a parte do contexto social e os fenômenos da sociedade, sua permanência nos currículos sempre representou uma problemática quanto aos aspectos de suas abordagens serem também voltadas para a crítica dos acontecimentos sociológicos.

Nessa perspectiva, entende-se, também, que a formação do professor de Sociologia carrega expoentes típicos da área. A abordagem seguinte diz respeito ao texto da professora Ana Lucia Lennet: *Algumas reflexões acerca da formação de professores de sociologia a partir de dados estatísticos e trajetórias pessoais*.

A autora inicia sua abordagem trazendo como referência o conceito de Norbert Elias (1995), que respalda sobre como o indivíduo está inserido na sociedade e, simultaneamente, estabelece uma relação dinâmica com outros indivíduos. E, certamente, o professor de sociologia é este típico indivíduo que abrange, de forma mais geral, esse tipo de relação com a sociedade. Com isso, as contribuições de Norbert Elias vão além quando no conceito *habitus* diz que trata-se do estudo do comportamento dos indivíduos em sociedade e esse comportamento não deve ser relacionado apenas à intenção, como também às contingências da própria sociedade.

Dessa forma, essa conceituação dialoga com a de Pierre Bourdieu (1998), que pensa de maneira similar quando aborda que os comportamentos sociais definem a identidade dos indivíduos na sociedade. Ainda segundo o autor, a presença do conceito “capital cultura” explicita os conhecimentos adquiridos no seio familiar; já no ambiente escolar, o conceito é “capital cultural incorporado”; os conhecimentos que resultam em diplomas e certificados em “capital cultural institucionalizado”; e objetos como bens materiais em “capital cultural objetivado”.

Vale salientar que o texto de Lennet se remete, também, há relatos de professores de sociologia. E os conceitos, acima citados, serviram para compreender as principais características desses professores. A partir dos relatos, pode-se ter uma visão panorâmica de quem são os professores de sociologia.

Usando como base o Censo Escolar do ano de 2010, a autora traz os seguintes números: 23,8% dos professores do ensino básico, 2.005.734 são do Ensino Médio. Por conseguinte, conforme os dados do Censo Escolar de 2007, dividindo por área: Ciências humanas 25%; Ciências da Natureza e Matemática 35% e Linguagem e Códigos 43%.

Tais dados mostram que o menor número de professores no Ensino Médio é justamente os da área de humanas. Logo, sociologia está inserida nestes números e, portanto, entende-se que essa área tem menor participação no currículo. De modo que a média de aulas

por semana é de oito, estando essas distribuídas entre as disciplinas de Geografia, História, Sociologia e Filosofia.

Dentre essas disciplinas, Sociologia e Filosofia ainda tem um número mais reduzidos de aulas. Sociologia tem em média 6% dos professores em toda área de humanas, o que equivale a 82.729 indivíduos. Enquanto Filosofia representa 10%, Geografia 38% e História 46%. Aqui, é necessário frisar que esses dados representam uma época em que Sociologia e Filosofia voltaram a fazer parte do currículo. Nos dias atuais, essas disciplinas são dadas como eletivas.

Outros dados pertinentes, ainda do Censo 2007, são os de professores com outras formações ministrando aulas de Sociologia: 22,5% pedagogos, 19,4 historiadores, 9,2% filósofos e 13,2% são os sociólogos. Os dados representam ainda mais a desvalorização da disciplina de Sociologia e do profissional formado na área. Haja vista que, 87% dos professores de Sociologia não tem formação adequada para ministrar a disciplina, se faz necessário pensar sobre a questão de concursos públicos e da exigência de uma formação específica para tal cargo.

Demais dados levantados pelo Censo 2010 dizem respeito à faixa etária e ao sexo dos professores do Ensino Médio: 63% são do sexo feminino e a faixa etária é de 41 a 50 anos; 30,56% entre 33 e 40 anos; 26,91% entre 25 e 32 anos. Dos professores de Sociologia 54,55% são do sexo masculino entre 41 e 50 anos. Por esse ângulo, podemos fazer um levantamento das arbitrariedades enfrentadas pelo profissional de sociologia. Nessa perspectiva, passamos a analisar as trajetórias de alguns professores que Lennet utilizou como base para sua produção.

Com base nisso, como trajetórias de escolarização e algumas experiências, temos: a baixa escolaridade dos pais dos entrevistados, a maioria desses professores foram os primeiros da família a chegar no ensino superior. A baixa escolaridade dos pais implica em dizer que esses professores sofreram dificuldades financeiras na infância e na adolescência assim como boa parte precisaram trabalhar durante a infância para ajudar na renda da família.

De modo que os professores entrevistados representam aqueles que, de forma centralizada, chegaram à formação por intermédio de um desejo voluntário, o que significa a eficácia como agentes da educação. E pode dar esse fato também aos estímulos que tiveram através de instituições como: escola, sindicatos e igrejas, já que esses estímulos não provinham do ambiente familiar. Muito embora dos 11 professores entrevistados, cinco desses não viam o curso de Ciências Sociais como primeira opção de ingresso na universidade.

Assim, eu lembro que na época que eu prestei vestibular eu queria fazer jornalismo (...). Então, na verdade, quando eu prestei vestibular na Unicamp, eu prestei também em outras faculdades públicas na área de Comunicação e, como a Unicamp naquela época não tinha o curso de Comunicação, eu acabei prestando Ciências Sociais. Porque achei que se de repente fosse uma coisa que eu passasse e fizesse, até se eu pudesse num futuro conciliar as duas coisas, seria uma área que abriria uma visão pra fazer Comunicação (Professora temporária, 5 anos no magistério).

A partir desse depoimento, percebe-se que os professores entrevistados atingiram seus objetivos na área de Ciências Sociais por várias vias de capital: cultural e institucionalizado.

A pesquisa da professora Ana Lucia elucidou também que parte dos entrevistados teve contato com cursos técnicos, antes de ingressar na Universidade. Outros, que pelo contexto histórico da época em que ingressaram em Ciências Sociais 1980, tiveram influência do ponto de vista político em que se encontrava o país, o que deu ênfase para opção da Sociologia.

Isso nos leva a crer que parte desses profissionais, ao exercerem o magistério, são profissionais que, além de superação social, viram na área de Ciências Sociais uma oportunidade de modificação do contexto social em que estavam inseridos.

Outro aspecto importante é de que boa parte dos entrevistados não pretendia seguir a docência após o curso. Alguns ingressaram no curso de bacharelado e somente depois veio a perspectiva de atuar em sala de aula.

Se a docência não era vista como um campo de trabalho desejável, o ingresso no magistério ocorreu pela necessidade de obter rendimentos para se manter durante a graduação. Nos três casos, a demissão teve como causa a participação em movimento sindical durante o período da ditadura militar. (LENNERT, 2012, p. 52)

Em síntese, é notório na fala da autora e nas suas abordagens acerca da identidade dos professores de Sociologia que esses, além do contexto histórico de sua época, detinham a característica das dificuldades financeiras. Tal cenário nos leva a crer que a importância dessa área perpassa os critérios teóricos e desencadeiam numa forma empírica de pensar os profissionais e a área de Ciências Sociais.

Eles atribuem sentido político ao seu trabalho. E afirmam incentivar os alunos a entenderem a complexidade do mundo em que estão inseridos; problematizarem situações cotidianas vividas por eles; terem postura crítica em relação à influência dos meios de comunicação de massa em suas vidas; enxergarem a luta de classes na sociedade capitalista; conceberem o ensino como possibilidade de ascensão social (como eles perceberam); participarem das eleições; fiscalizarem o trabalho dos políticos; exigirem qualidade nos serviços públicos, etc. Essas representações não invalidam seu trabalho em sala de aula, pelo contrário, elas reafirmam a importância do ensino da Sociologia. (LENNERT, 2012, p.54)

Para dar ênfase à nossa discussão, trazemos a partir de agora as contribuições das autoras Carolina Branco de Castro Ferreira e Joana D'Arc Moreira Nollí, as quais escrevem um capítulo na obra *Da graduação à profissão: trajetórias de ex-alunas do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina (UEL) que participaram da consolidação do Laboratório de Ensino de Sociologia (LES)*.

Esse escrito trata-se de uma recuperação das trajetórias de alunas egressas do curso de Ciências Sociais da UEL. Alunas estas que hoje são professoras do Ensino Médio e/ou Ensino Superior e que foram estagiárias do projeto de extensão Laboratório de Ensino de Sociologia – LES (2000-2004). Os relatos e as experiências a seguir têm caráter crucial quanto ao desenvolvimento das alunas em questão, sobretudo porque foram tratados temas como: desigualdade social, violência, democracia, trabalho entre outros.

A título de exemplo, a aluna Carolina Branco de Castro Ferreira, antropóloga, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e, atualmente, pós-graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), teve participação no projeto do Laboratório de Ensino de Sociologia (UEL) e na *Ação Diferenciada: Exclusão Social e Violência*.

Essa atividade foi bastante significativa, pois me permitiu conhecer os professores e os alunos e, como eu era uma “novata” na cidade de Londrina, no curso de Ciências Sociais e no projeto, pude conhecer as escolas, também as da periferia, bem como a situação do Ensino Sociologia nelas. É importante ressaltar que, nesse momento (2000-2001), essa disciplina não era obrigatória no currículo do ensino médio nem no âmbito federal, nem no estadual. Desse modo, encontrei um contexto no qual, de forma geral, as aulas de Sociologia não eram ministradas por cientistas sociais ou por pessoas que tinham graduação na área. Portanto esses professores frequentemente, encontravam dificuldades para dar as aulas e utilizar material adequado. (FERREIRA, 2015, p. 211)

Tal relato nos remota à discussão referente a não especificidade encontrada quanto aos professores de Sociologia. Discussão essa que, nos dias atuais, embora os critérios para desenvolver essa disciplina tenham sofrido mudanças, ainda não vemos a Sociologia com seu devido valor, perante o ensino.

O próximo relato, de Carolina, diz respeito ao projeto *Ação Diferenciada: Exclusão Social e Violência*, do qual o papel desempenhado pela aluna era de selecionar tabelas, revistas, jornais etc, em que travavam temas e foram inclusive produzidos pela mesma como: desigualdade social, infância e mortalidade, trabalho infantil, trabalho escravo, acesso escolar e violência de gênero. Desse modo, percebemos a importância do referente projeto não somente em referência à licenciatura, mas na construção da identidade do aluno pesquisador.

Nessa atividade, aprendi a selecionar e analisar dados, a produzir e escrever textos, bem como entrei em contato com autores que contribuíram para minha formação. Depois de finalizar os textos, eu os apresentava nas escolas. No primeiro momento, alguns professores cediam suas aulas para o debate e, mais tarde, a partir de 2001, quando as Semanas de Sociologia começaram a ser organizadas nas escolas públicas de Londrina, as apresentações eram parte da programação (FERREIRA, 2015, p.211).

Diante os relatos, o capítulo em questão e os demais a seguir foram, portanto, os precursores da composição deste trabalho. Ao nos referirmos em primeira instância do PIBID de Sociologia da UFCG – Campus Sumé, temos uma clareza de que os projetos desenvolvidos nessa área, além de contribuírem de forma significativa nos ambientes escolares, são, sem dúvidas, cruciais na construção da identidade do docente.

É interessante ressaltar que essa área, por tempos, sofrera segregação. No entanto, vemos o quão importante é no contexto social acadêmico e que temos urgência em torná-la cada dia mais visível. Segue a fala de Carolina sobre:

Esse momento, foi pra mim de um crescimento acadêmico, intelectual e político significativo, porque estar ligada a esses dois projetos me permitiu compreender historicamente como o campo do ensino de Ciências Sociais foi formado e institucionalizado no Brasil, bem como entender, a partir de relações de poder, seus silêncios e lacunas. Também pude acompanhar o debate acerca da institucionalização da Sociologia como disciplina no ensino médio e nele atuar. (FERREIRA, 2015, p. 213)

O próximo depoimento trata-se da aluna Joana D’Arc Moreira Nolli, que ingressou no Curso de Ciências Sociais, em 1999; e no projeto Laboratório de Ensino de Sociologia (LES), em 2000. Atualmente, é mestre na mesma área e na mesma instituição de graduação e é professora colaboradora de aulas de Sociologia do Magistério do Governo do Estado do Paraná. Joana desempenhou a tarefa da produção de material de Sociologia para o ensino médio da rede pública, o que implica-nos dizer que seu almejo perpassou os desejos profissionais, mas um tratamento especial com o espaço escolar e os profissionais da área. Segue seu depoimento:

O caminho percorrido por mim, desde meu ingresso no projeto de extensão Laboratório de Ensino de Sociologia, resultou não somente na produção de vários materiais para auxiliar professores de Sociologia do ensino médio da rede pública, mas também na decisão que tomei para a minha vida profissional, pois os trabalhos desenvolvidos tanto pelo grupo como os individuais me mostraram a necessidade de consolidar a Sociologia como disciplina permanente da grade curricular do ensino médio e, especialmente, a necessidade de auxiliar professores do estado do Paraná a enfrentar o novo desafio, propiciando-lhes material didático da área.(MOREIRA, 2015, p. 215)

Diante disso, nota-se que o campo das Ciências Sociais perpassa as iniciativas das salas de aula da academia. Nota-se, sobretudo, que esta área representa, qualitativamente e quantitativamente, uma responsabilidade social que diz muito respeito ao contexto histórico, econômico e político do Brasil. Dessa forma, compreende-se que os relatos até aqui expressos vão além dessa pesquisa, vão de fato ao contexto de sociabilidade que as Ciências Sociais se propõe, desde a construção da ementa do curso, passando pelos estágios e projetos distintos e desencadeando em vieses profissionais.

Assim, apesar de ter sido integrante de outros projetos tanto de pesquisa quanto de extensão, e de ter também colhido excelentes frutos durante sua realização, foi pela minha participação no LES que adquiri conhecimentos diretamente relacionados ao ensino de Sociologia e vivenciei a luta incessante e perseverante daqueles que pensam em mudanças qualitativas para a educação e, conseqüentemente, para a realidade social e, portanto, precisam pensar politicamente. Também foi a minha participação no projeto que me direcionou para o ensino de Sociologia e me levou a exercer a profissão com comprometimento e, especialmente, com sensibilidade que só aflora a partir do momento em que compreendemos que como educadores podemos, como disse Florestan Fernandes, [...] criar condições para corrigir e superar o desenvolvimento desigual [...] (MOREIRA, 2015, p.216).

Percebe-se, nesse relato, a importância e a responsabilidade que os projetos extracurriculares exercem sob a construção da identidade do futuro docente e, ainda mais, o comprometimento que a Sociologia proporciona à vivência do profissional. Dar-se de forma pertinente por ser uma área de conhecimento que tem variáveis aspectos como históricos e sociais.

Por conseguinte, adentremo-nos no texto *Formação dos licenciados em Ciências Sociais: Reflexos a partir de experiências na UEFN/Mossoró/RN*, da autora Geovânia da Silva Toscano. Esta inicia sua fala centralizando a problemática do distanciamento entre a formação universitária e a prática escolar. Em primeiro lugar, pensar a universidade como um espaço autônomo, que faz parte dos distintos espaços sociais, porém que tem características e objetivos específicos. O espaço acadêmico é científico e, não obstante, é um local de transformações, adequações, trocas de conhecimentos e, certamente, como característica da sociedade globalizada, também tem valor de mercado.

Decorrente a indagações sobre como o conhecimento nesse espaço está sendo construído; como se dá a formação dos futuros docentes; que tipo de incentivos, do ponto de vista de comprometimento, estão sendo passados; se os formandos em Ciências Sociais realmente estão sendo preparados para intervirem na sociedade, entre outras. Essas

indagações expressam a vastidão de possibilidades de discussões sobre a estrutura social e o papel da universidade.

Sabe-se, no entanto, que a universidade criou uma nova roupagem quanto à sua forma de institucionalizar o conhecimento. A autora explica:

Ao levantar tais questões remeto, portanto, a algo tão caro as nossas instituições que é a necessidade de avaliação de nossas práticas acadêmicas. Essas práticas avaliativas hegemônicas com orientações externas na nossa compreensão predominam numa lógica quantitativa e por vários caminhos se instalaram nas Universidades públicas inicialmente nos anos de 1980 com o discurso da qualidade x competência. Ampliaram-se nos anos de 1990, porém numa lógica que se aproxima da produção, ou aquilo que Marilena Chauí denomina de Universidade operacional (Sistemas de Avaliação Nacional, Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes – ENAD, CAPES, CNPq, Programa Internacional para avaliação dos estudantes – PISA, entre outros. (TOSCANO, 2014, p. 113)

Isso implica dizer que as universidades públicas vem tornando-se espaço de avaliações externas, o que subentende-se que, primordialmente, os números falaram não somente por questão quantitativa, mas definirão a qualidade destas.

Para tanto, a autora traz como objetivo do texto a explanação de sua prática acadêmica e experiência formativa, essas que são frutos da transição UFPB e UERN (2003 a 2011). Na primeira parte, a mesma faz um diálogo com diferentes autores no que diz respeito às práticas acadêmicas, Universidade e educação. De modo que o âmbito acadêmico tornou-se, no início do século XXI, um espaço com foco no papel pedagógico de formação bem como um espaço que faz interação com as mudanças políticas econômicas e culturais.

Nesta perspectiva, o enfoque volta-se para a formação universitária nas Ciências Sociais, uma vez que esse campo de conhecimento está diretamente ligado às transformações da sociedade. Elementos da globalização transformaram a sociedade rapidamente, significa que a educação também necessita de transformações que se adeque a essa nova sociedade. Todavia, é a partir do Ensino de Sociologia que o indivíduo pode tornar-se capaz de saber posicionar-se perante essas mudanças e, o mais importante, perceber-se parte dela.

2.2.2 Professores do projeto PIBID de Ciências Sociais – UFCG/Sumé

Este espaço está destinado a transcorrer os pertinentes relatos dos docentes que compunham o projeto PIBID: Araújo e Rozenval de Almeida Sousa, Aracele Barbosa Gomes e Katia Carina Mesquita Cruz de Araújo. As considerações feitas, neste espaço da produção,

são frutos das exposições feitas pelos professores no livro PIBID – MEMÓRIAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA. Este que é uma coletânea de narrativas de alunos e professores que fizeram parte do projeto em questão.

Com enfoque no Pibid de Ciências Sociais – UFCG/Sumé, fato determinante na elaboração e diálogos apresentados nos tópicos anteriores, devido a três elementos cruciais: a região em que o campus universitário fora implantado; o curso como, na maioria dos casos dos discentes, fora novidade e; por último, os resultados explícitos do projeto PIBID nos professores universitários e do Ensino Básico, nos alunos em fase de formação de licenciatura e nas expressas escolas em que o projeto fora desempenhado.

Como exemplo, Memórias de um professor aprendiz, escrito pelo professor Rozenval de Almeida Sousa, Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, atualmente professor da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, trata-se de uma defesa da “arte de professar”, segundo o autor, como dom. Sousa expressa, através de memórias, o seu contato com o conhecimento como um tratado existencialista, maneira como perpassa pelos ambientes de sua rememoração, permeando os caminhos do fascínio pela leitura e escrita que tivera com sua mãe.

O dom de professar é arte que herdei de minha mãe [...] Minhas primeiras aventuras escolares foram guiadas por ela. Tudo eu devo a ela: a escola da letra e a escola da ética. Aprendi com ela a ler, escrever e fazer contas; aprendi com aela a amar, sonhar e rezar. Com minha mãe professorinha, aprendi soletrar “Eva viu a uva”; com minha mãe professorinha, aprendi gestos de gratidão e compaixão; com minha mãe professorinha, aprendi a tabuada; com minha mãe professorinha aprendi a compartilhar dor e delícia; e, finalmente, com minha mãe professorinha aprendi a seguir viagem por aí... (SOUSA, 2013, p. 15)

Revelada a subjetividade, vemos logo de início preceitos acerca da prática docente. Esta que evidenciamos ser peça fundamental no processo de ensino e aprendizagem. Dito isto, podemos observar na narrativa de Sousa traços do “conhecimento poderoso” de Young. Em virtude de que parte do pressuposto que o conhecimento poderoso tenha em seu âmago o propósito de ser condição de inserção do indivíduo no mundo, de abertura ao esclarecimento e a construção de um indivíduo emancipado, certamente pontuamos esta analogia.

A partir de então, Sousa faz referências aos seus professores, destacando características peculiares de cada um. Vale ressaltar que fora os professores que tivera na escola, o professor teve preceptores da Igreja. Ponto esse em que podemos no deter a pensar na variedade de conhecimentos, através de personalidades, que fazem parte da identidade do mesmo como mestre da sala de aula.

Os meus preceptores da Igreja eram pedagogicamente mais eficientes do que os meus professores da Escola. Na Igreja, eu adquiri competências que se tornaram de grande valia para minha presença ética e técnica no mundo. Assimilei, ali, um conhecimento que, mais tarde, veio ser fundamental para a continuidade da minha formação profissional na universidade e, sobretudo, para minha atuação na formação de professores para a Educação Básica. (SOUSA, 2013, p. 18)

Do ponto de vista pedagógico, conseguimos perceber que a estrutura do conhecimento de fato caminha, sobretudo por vias que não desprezam a realidade do indivíduo. Apesar de que o ponto de vista profissional seja necessário a específicas sistematizações.

Mediante o contexto, chegamos à trajetória de professor acadêmico. Essa que se inicia em 1994, na Universidade Federal da Paraíba – UFPB, que viera a tornar-se Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, ministrando a disciplina de Sociologia no Campus da cidade de Cajazeiras – PB. Em seguida, seu próximo local de atuação foi no Campus de Sumé – PB da mesma instituição, com formação de professores.

Desse modo, Sousa, pouco tempo depois, passa a ser coordenador de Área do Programa institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Programa esse que tem o intuito de incentivar através de atividades ligadas a Educação Básica, ou seja, propriamente a sala de aula – futuro local de trabalho, estudantes de licenciatura. Nessa perspectiva, o PIBID de Sociologia detém estratégias que levam às escolas contribuições sociais e deixam no estudante de licenciatura o incentivo e variadas experiências que favorecem o futuro profissional do mesmo.

Considerando a finalidade do PIBID – contribuir, em parceria com Instituições de Ensino Superior, para a melhoria da educação brasileira através da formação de professores para a Educação Básica, concedendo, para tanto, bolsas a alunos de cursos de licenciatura, professores supervisores de escolas conveniadas da rede pública de ensino e professores universitários – o PIBID/Sociologia passou a desenvolver, na Escola Estadual Professor José Gonçalves de Queiroz, na Escola Estadual Senador José Gaudêncio, e na Escola Estadual Maria Balbina Pereira, ao longo daquele interstício, experimentos de iniciação à docência voltados à formação de professores de Sociologia da Educação Básica. (SOUSA, 2013, p. 21)

Vê-se, portanto, que a inserção dos conteúdos de Sociologia nas escolas por intervenção do PIBID parte de perspectivas positivas para todos os âmbitos do projeto.

Passemos, agora, para a professora supervisora do PIBID/Sociologia na Escola Estadual Professor José Gonçalves – Sumé, PB, Aracele Barbosa Gomes. Filha de autônomos, seu primeiro contato com a escola foi no ensino público, o que, em seguida, seus pais tinham

em mente o almejo da mesma prestar o vestibular e, por isso, a mudaram para o Instituto Educacional Imaculada Conceição (I.E.I.C), na cidade de Sumé – PB.

A convivência nas atividades livres e em diferentes espaços que também devem ser considerados como espaços de aprendizagem (como as atividades culturais realizadas na escola, a sala de estudos e biblioteca, onde os alunos faziam exercícios juntos, tiravam dúvidas entre colegas, onde eram resolvidos exercícios e se preparavam para os simulados que a escola aplicava) teve um papel fundamental para despertar em mim o desejo de aprofundar a reflexão sobre as práticas educativas e as relações entre os sujeitos dessa práxis no seu processo de construção de conhecimento. Nascia aí o interesse pelos atos de ensinar e aprender, apesar de que, na perspectiva escolar, pouco era evidenciado o “lado” prazeroso desse ofício. Era o despertar do desejo de atuar no campo da docência, no sentido de promover transformações necessárias para que essa atuação viesse a contribuir com o desenvolvimento da vida e da formação de sujeitos autônomos, enfim, era o começo de um direcionamento profissional. (GOMES, 2013, p.27)

Como visto, o espaço em que as atividades educativas são desempenhadas têm demasiada influência na construção do ser social. Esta questão é de extrema importância quando trata-se dos elementos que fornecem subsídios para que o conhecimento seja levado de forma eficaz.

Como consequente, Gomes com o propósito de lecionar, ingressa no curso de Ciências Sociais, em 2005. Fato este que não é bem recepcionado por seus familiares. Ressaltamos, brevemente, aqui, a desvalorização das licenciaturas do ponto de vista econômico. Na graduação foi aluna de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), o qual teve efeito positivo quanto à leitura e à escrita acadêmica.

Posteriormente, concursada pelo Estado da Paraíba, teve problemas burocráticos com a nomeação, o que a afastou das salas de aula. Tempo depois, Gomes inicia seu percurso docente. Daí em diante, passa por percalços que afetam exclusivamente as áreas de Sociologia e Filosofia, como a desvalorização. Participou do projeto PIBID como supervisora por parte da escola que lecionava, esse fato fez uma diferenciação no seu trajeto como docente no sentido vivenciar experiências a partir de projetos planejados em conjunto com a universidade.

Participar do PIBID me proporcionou ser uma professora em constante formação, pelo fato de este projeto, viabilizar a troca de conhecimentos e experiências didáticas e metodológicas, com outros profissionais da área. Esta colaboração também reflete nos alunos para os quais leciono, pelo meu esforço em contribuir para um melhor ensino de Sociologia e, além disso, colabora com a formação dos futuros docentes do CDSA/UFCG. (GOMES, 2013, p. 31)

Fica, portanto, evidente por meio da fala da professora, o quão importante é o projeto PIBID para os componentes, independentemente do nível hierárquico. Essa demonstração é uma prática efetiva que corrobora na viabilização e compartilhamento de conhecimentos.

A professora Kátia Carina Mesquita Cruz de Araújo, supervisora do PIBID e docente da Escola Estadual Senador José Gaudêncio – Serra Branca, PB, vinda de família simples – pai pedreiro analfabeto e mãe costureira semianalfabeta – teve seu primeiro contato com a escola como ouvinte, por insistência sua, aos 03 anos de idade.

O primeiro dia de aula ficou em minha memória, pois me senti a pessoa mais importante do mundo quando todas as crianças cantaram quando eu cheguei, não sabia que faziam isso todos os dias. Lembro-me do forte abraço e do beijo carinhoso da professora. Hoje posso dizer, quando alguém me pergunta em quem me inspirei para ser professora, que foi a querida “tia Pereira”, a primeira e mais importante professora que tive, visto ter sido ela que me fez adorar ir à escola. (ARAÚJO, 2013, p. 34)

Até aqui, duas fortes características vistas nos relatos dos professores são: simplicidade e a precoce vontade de pertencer a escola. Isso nos remete a pensar no sentido do campo do profissional docente. Essas seriam características intrínsecas daqueles que já traziam, de forma inata, “o decente dentro de si”.

Kátia Carina mudou-se da cidade de Sumé para Campina Grande em 1997, onde tivera passado no vestibular para licenciatura em Ciências Sociais a qual concluiu no ano de 2003. Em 2009, já de volta a Sumé foi aprovada no concurso da rede estadual de ensino. Posterior a isso, Araújo, hoje, leciona Sociologia e Filosofia nas escolas Senador José Gaudêncio e Maria Balbina Pereira. Em 2010, ingressou no programa PIBID como professora supervisora, quanto a essa experiência a professora afirma:

Ser professora supervisora do PIBID me aproxima da academia, dá-me o orgulho de “orientar” estudantes de licenciatura, de desenvolver pesquisas, de participar de eventos científicos, mas o enriquecimento no meu conhecimento, faz com que eu tenha um algo a mais que meus colegas professores não tiveram a oportunidade que tenho. O auxílio financeiro é, de veras, importante, pois representa hoje um percentual significativo em meu salário, mas ser professora supervisora me faz perceber que posso contribuir com uma melhor educação para o país no momento que posso dizer aos alunos bolsistas que ser professor vale a pena. (ARAÚJO, 2013, p. 36)

De fato, o modo como se vê esses três professores falarem sobre sua profissão é, no mínimo, motivador. Neste ponto, podemos perceber que o projeto PIBID foi campo de saberes e realidades de profissionais que vem a prática docente como fonte de renda, além de como sentido da própria inserção no mundo.

3 BREVE HISTÓRICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS CDSA/UFCG CAMPUS SUMÉ

Primeiramente, é necessário destacar que a implantação do campus da Universidade Federal de Campina, na cidade de Sumé-PB, no ano de 2009, foi de grande importância para o desenvolvimento sociocultural intelectual da população da região. A região do Cariri Paraibano tinha a cidade de Campina Grande-PB como referência mais próxima de cidade universitária. Logo, pode-se afirmar que a implementação do campus perpassa os limites socioculturais e intelectuais da população da cidade e circunvizinhas.

A nota oficial da época, disponibilizada no site da instituição, conta com o discurso de solenidade de presenças políticas, o que nota-se as perspectivas educacionais desse importante feito histórico para a região.

Ao que diz respeito ao PPC, o texto incluso no documento segue:

“Devido a obrigatoriedade de inclusão da disciplina de Sociologia nos currículos do Ensino Médio do sistema educacional brasileiro a partir de 2008, as IES estão sendo convocadas a assumirem um novo compromisso em torno do desafio da melhoria da educação: a abertura de novos cursos de Licenciatura em Ciências Sociais. À vista disso, a UFCG, enquanto agência pública cientificamente qualificada de formação de profissionais, assume o dever de assegurar a criação de um curso de formação de docentes de Sociologia para assistirem à rede de educação de ensino médio da Paraíba² e de estados fronteiriços. O Brasil precisa de 40 vezes mais professores de Sociologia para que todas as 24 mil escolas de Ensino Médio no Brasil passem a ter aulas desta disciplina. Estudo feito pelo Ministério da Educação (MEC) mostra a dificuldade que as escolas terão para se adaptar à nova legislação. Além da falta de docentes dessa área, há ainda material didático insuficiente e poucos estudos sobre um currículo atual de Sociologia. De acordo com um estudo da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (Capes), órgão que agora responde pela formação de docentes para a educação básica, o Brasil tem, hoje, 20.339 professores de Sociologia atuando nas escolas; no entanto, só 12,3% deles (2.499) são licenciados na área. O restante se graduou em áreas como História, Geografia e Português. Em Filosofia, o número atual é de 31.118, sendo 23% (7.162) com a licenciatura específica. Isso porque há estimativas de que 17 Estados já tenham aulas dessas disciplinas em pelo menos um ano do Ensino Médio. Segundo o estudo do MEC, a demanda em cada uma das disciplinas é de 107.680 professores. O levantamento mostra também que a quantidade de graduados nas

duas áreas nos últimos cinco anos, independentemente da opção por dar aulas ou não, está longe de cobrir o déficit. Foram cerca de 14 mil em Filosofia e 16 mil em Sociologia. Como se vê, a volta da Sociologia à Educação Básica é um fato demasiadamente relevante na justificativa do empreendimento de um Curso de Licenciatura em Ciências Sociais. A importância desse fenômeno pode ser mensurada através do lugar que ele ocupa na história da Educação do Brasil, em que se registra uma movimentação de tantas idas e vindas dessa disciplina aos currículos de nossas escolas. Em 1891, pela primeira vez no Brasil é proposta na Reforma Benjamim Constant³, a disciplina de Sociologia no ensino “secundário”. O Brasil, ainda sob governo provisório, visava implementar a laicização dos currículos de todos os níveis escolares, e ainda, a constituição da identidade do “ensino secundário” como momento de formação básica geral dos adolescentes. A Sociologia surge neste momento não só como disciplina indispensável a esses interesses, mas também como uma das disciplinas obrigatórias e responsáveis pela preparação de advogados, médicos, engenheiros, arquitetos (cursos intitulados complementares) e professores (curso normal). A implantação da Sociologia nesse período fundamentava-se pela crença em seu pensamento renovador por parte daqueles que eram os responsáveis pelos projetos pedagógicos nacionais, e também pela convicção, por parte daqueles que lutaram pela sua institucionalização de que tanto a Sociologia quanto a Filosofia teriam muito a contribuir para o desenvolvimento em seus jovens estudantes de um novo ideal de nação, de progresso, de capacidade de interpretação e intervenção em sua própria realidade, do pensamento crítico e da individuação. O segundo período tem suas configurações determinadas pelo regime ditatorial que se inicia com a decretação do Estado Novo em 1937, e pelo autoritarismo militar instaurado pelo golpe de 1964. Em 1941 a Reforma Capanema retira a obrigatoriedade da Sociologia nos cursos secundários, afora o curso normal. Fato que demarca o início do segundo período. Assim, tanto na ditadura Vargas quanto na ditadura militar, foram utilizados mecanismos pedagógicos semelhantes, visto que seus objetivos eram os mesmos, os quais podemos resumir como sendo: “formar indivíduos com espírito de patriotismo e civismo, fortalecendo assim a unidade nacional e o culto da obediência à lei”. Desta forma, o papel da ciência na formação dos jovens brasileiros neste período deveria ser somente o de possibilitar o domínio de técnicas para a melhoria do processo de trabalho, e não o domínio de técnicas de pesquisa para a investigação da realidade social brasileira. Sendo assim, a idéia difundida pela Escola Nova na década de 20, de que a Sociologia no ensino “secundário” serviria para a formação de indivíduos com capacidade de questionar, investigar e compreender a realidade social foi, decerto, assaz para que as autoridades educacionais dos regimes

ditatoriais decidissem pelo seu alijamento. Deste modo, fica claro que a disciplina de Sociologia no período ditatorial era, para as autoridades, mais do que desnecessária, era impertinente, indesejável. Embora neste período a Sociologia tenha se ausentado, os trabalhos para sua reinserção no ensino médio não cessaram. Em 1949, no Simpósio “O Ensino de Sociologia e Etnologia” seu retorno foi defendido por Antônio Cândido. E em 1955, no Congresso Nacional de Sociologia Florestan Fernandes discute as possibilidades e os limites da Sociologia no ensino médio. O último período da análise traz algumas curiosidades. Permanece a luta pelo retorno, definitivo, na forma de disciplina obrigatória, porque indispensável, tanto da Sociologia quanto da Filosofia ao ensino médio. E com sensatez, rechaça-se a idéia de “diluição” dos conteúdos de 11 ambas ciências em outras áreas do saber tais como a História e a Geografia, disciplinas que se entende ser tão indispensáveis quanto a Sociologia e a Filosofia, mas por suas especificidades, não como um “sobrado” onde – como querem alguns – seriam lançados de modo estéril teorias e conceitos sociológicos e filosóficos. Não se preconiza a fragmentação do conhecimento, muito pelo contrário, acredita-se não só na importância, mas nas possibilidades da interdisciplinaridade e do trabalho transversal dos temas-pilares seja da LDB, seja dos PCNs, seja da UNESCO, que têm por fim, o exercício pleno da cidadania, direito de todos. Contrários a fragmentação, a luta é marcada pela tentativa de se oferecer aos educandos um ensino de boa qualidade, e pelo desejo de garantir de modo institucional enquanto cientistas sociais e por meio da educação, uma cota de contribuição direta, empregando os conceitos, métodos e tecnologias que são específicos às Ciências Sociais, no processo de formação social do Brasil. Em resumo, a memória da campanha pelo retorno da Sociologia ao currículo do Ensino Médio registra que, no dia 10 de julho de 2006, o CNE aprovou, por unanimidade, a volta do ensino das disciplinas de Sociologia e Filosofia em todas as 23.561 escolas de Ensino Médio, públicas e privadas (com cerca de dez milhões de alunos), existentes no Brasil já a partir de 2007. O CNE deu um prazo de um ano para a sua implementação, prazo esse necessário para que os estados que ainda não tinham adotado essa decisão, pudessem se adequar a esse imperativo. O ministro da Educação, Fernando Haddad, homologou a nova Resolução do CNE no dia 11 de agosto daquele mesmo ano, em ato no Ministério da Educação em Brasília. E, em 2008, a Presidência da República sancionou o Projeto de Lei que torna obrigatório o ensino dessa matéria nos três anos do Ensino Médio. Desse modo, fica evidente que a mais importante justificativa deste Projeto é assegurar o direito público subjetivo dos cidadãos da Paraíba e estados circunvizinhos ao acesso a educação superior, aliado ao histórico e acúmulo acadêmico desta IES, a qual tem demonstrado grande êxito na formação de

professores, inclusive dos que atuam na área rural do Estado, explicitando mais uma vez seu compromisso com o fortalecimento da autonomia e da Universidade enquanto espaço público de produção de conhecimento.”

Alguns dos aspectos positivos da chegada deste campus ao Cariri paraibano estão evidenciados nos próximos capítulos dessa produção por meio dos relatos de experiências dos docentes e discentes, que neste caso, são a pauta do trabalho.

Vale destacar que, neste ano de 2019, período em que esta produção é construída, houve a comemoração dos 10 anos da instituição em sua própria instalação, no dia 28 de setembro. Foi evento rico em: Exposição do Ateliê da Geotinta, apresentação das atividades de Pesquisa e Extensão, banner apresentados, mesa redonda e o segundo Encontro de Surdos do Cariri Paraibano.

Como é de se esperar, o advento de um campus universitário em um município, consideravelmente, pequeno abre um leque de oportunidades para a população e demonstra que a perspectiva da educação ocupa espaço crucial na sociedade e que seus resultados não são vistos, necessariamente, a longo prazo. Haja vista que mudar toda a conjuntura econômica de uma cidade é proporcionar novas expectativas financeiras. No entanto, o maior êxito circunda no sentido em que o Ensino superior abrange demandas objetivas e subjetivas do indivíduo, inserindo-o numa dinâmica real do entendimento de seu espaço social e, mais ainda, pertencente a esse como consequente transformador desse espaço.

A partir desses pressupostos, várias áreas começaram a ser trabalhadas na instituição – aqui daremos ênfase ao curso de Ciências Sociais, este que chega ao novo campus como um forte elemento pra construção acadêmica em termos de parâmetro curricular.

Historicamente, o ensino de Ciências Sociais sempre sofreu no quesito descontinuidade, se por um lado a sua presença causava discordância no sentido da supremacia, de outro fora visto pelos estudiosos da área e afins como disciplina essencial para a formação do ser humano. A rigor, os preceitos das Ciências Sociais/Sociologia se comprometem com o estudo, compreensão e reflexão dos fenômenos sociais como causas implícitas e explícitas do corpo base da sociedade.

Para tanto, o Conselho Nacional de Educação juntamente com sua Câmara de Ensino Básico (CEB) aprovou a obrigatoriedade da Sociologia nos currículos de Ensino Médio, em todo o Brasil, pela Lei nº 11.684, de 2008, da qual no Art. 36 parágrafo IV diz “serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias em todas as séries do ensino médio.” (BRASIL, 2008). Embora as informações levantadas sejam de ordem passada, uma vez que, atualmente, o ensino de Sociologia encontra-se em âmbito de eletiva. É

imprescindível demonstrar esse dado do documento formal como elementar ao período em que a universidade, conseqüentemente, o curso foram implantados na presente instituição.

No contexto, a obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio acarreta numa demanda maior por parte da formação do docente desta área. Ao qual será feita crucial consideração posteriormente, mas, que, de forma breve, deve-se analisar as recorrentes necessidades da presença desse ensino na Educação Básica. O ensino de Sociologia tem como diferencial a maneira como a mediação sob a lógica da informação, compreensão e, sobretudo, intervenção dos fenômenos sociais enriquecem o indivíduo de forma racional, tornando-o consciente dos embates desses fenômenos.

Segundo Cristiano da Neves Bodart, doutor em sociologia pela USP:

Segundo especialistas, o acesso à Sociologia escolar promove condições para que os alunos ampliem sua capacidade de leitura do mundo social, colaborando para dois grandes objetivos da educação brasileira destacados pela LDB (1996): formar cidadãos e preparar para o mundo de trabalho. Além do mais, a Sociologia promove o olhar desnaturalizado dos fenômenos sociais, enxergando-os sob uma perspectiva histórica, racional e dialética, o que fomenta uma postura crítica diante do mundo, possibilitando aos alunos inserção consciente nos diversos espaços da sociedade. (BODART, 2018).

É importante ter a atenção voltada para a fala do professor quando faz menção a um dos objetivos da educação que está presente na LDB: a preparação do indivíduo para o mundo de trabalho. Ao atentarmos ao pé da letra dessa premissa, observamos a lógica do neoliberalismo ao que se diz respeito ao trabalho. Nesse ponto, é preciso elucidar que a Sociologia não deve ser observada sob esse ângulo, em virtude de que o entendimento das causas sociais, sejam elas positivas ou negativas, se dá por meio de uma reflexão previamente orientada, ao passo de que propostas como essa possam levar em pauta a utilidade ou não desse ensino para a educação.

As ressalvas da obrigatoriedade do ensino de Sociologia no Ensino Médio, pois, são de suma importância para se compreender que, o fato da licenciatura em Ciências Sociais estar presente nas tabelas de cursos das universidades estaduais e federais, é de denominar indispensável. É nesse viés que iniciamos algumas considerações acerca desse curso no campus da UFCG em Sumé. Tal curso tem como objetivo a formação de professores de Sociologia para a Educação Básica e Superior. Além do mais, abrange nessa área o incentivo às pesquisas que corroborem no fortalecimento acadêmico e social.

No contexto, a composição da ementa do curso visa que o processo de formação desenvolva a criticidade do graduando, assim como permeia as teorias e as metodologias, para que o futuro docente consiga atingir uma solidez antropológica e política. Dois vieses

essenciais como pesquisador e mediador desses conhecimentos que serão resultados em sua prática docente.

Por conseguinte, a dinâmica do curso de Ciências Sociais em uma cidade como Sumé corrobora num valor ainda mais efetivo. Tendo vista que é sabido que o Cariri paraibano mostra-se carente de teorias substanciais, que devem ser de total importância para a superação dos efeitos diversos. Uma sociedade formada por pessoas de baixa escolaridade carrega sob seu contexto histórico diversidades como: clima, desigualdade e predominância de uma lógica política voltada para o beneficiamento de um determinado grupo de cidadãos.

Presente no site da instituição, pode-se constatar as finalidades da implementação da licenciatura em Ciências Sociais:

Seus objetivos específicos são: a) Formar professores aptos a atuar e refletir criticamente sobre os problemas da realidade social, sobretudo brasileira; b) Desenvolver habilidades analíticas, interpretativas, argumentativas e discursivas, articuladas com questões de interesse político, social e cultural possibilitando aos alunos uma ampla formação humanística e técnica; c) Formar educadores para atuação na Educação Básica com competências a fazerem a gestão de processos educativos e a desenvolverem estratégias pedagógicas que visem à formação de sujeitos autônomos e criativos capazes de produzir soluções para questões inerentes a sua realidade, vinculadas à construção de um projeto de desenvolvimento sustentável para o país; d) Promover o espírito investigativo e o desejo de formação continuada entre os profissionais do ensino de Sociologia numa perspectiva crítica, reflexiva e contextualizada na realidade do Semiárido Brasileiro; e) Estimular na IES e demais parceiros ações articuladas de ensino, pesquisa e extensão voltadas para demandas do ensino de Sociologia propiciando uma maior integração e troca de saberes e conhecimentos entre Universidade, Escola Pública e Comunidade. f) Promover atividades que propiciem a participação da comunidade, enquanto sujeitos, na perspectiva de integrar as atividades de ensino e pesquisa com as demandas da comunidade do Semiárido. g) Fomentar condições para que o ensino, a pesquisa e a extensão estejam articulados no processo formativo, de modo a proporcionar construção coletiva de conhecimento (ensino), resultados referenciados em estudos sistemáticos oriundos de problemas enfrentados pelos educadores (as) (pesquisa) e permanente integração / socialização / comunicação com a comunidade dos conhecimentos produzidos e sistematizados (extensão).

Diante dos pressupostos levantados, podemos ter uma visão mais ampla do que concerne as iniciativas e produções dessa licenciatura na vida acadêmica e social dos docentes e discentes – o que será apresentado nos capítulos seguintes desta produção.

3.1 O PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID)

Nesta parte do trabalho, propomo-nos evidenciar, de forma sucinta, as considerações do que se refere ao programa federal em questão – PIBID. Este programa consiste numa iniciativa que possibilita o aluno de graduação a ter o contato com o futuro espaço de trabalho, a sala de aula. Em linhas gerais, o aluno de graduação é orientado por professores coordenadores e supervisores e começa a desempenhar atividades fora do âmbito acadêmico. Bem como reuniões e grupos de estudos são agregados às práticas das vivências nas escolas.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que há uma discussão que envolve as contribuições extracurriculares desse projeto ao que se pode compreender como uma espécie de complemento de atividades acadêmicas e como incentivo para aqueles que pretendem seguir a carreira de docente. Sem contar com as contribuições sociais que o projeto implica sob o ponto de vista das escolas públicas, onde se é trabalhado.

Este programa, pois, é de ordem governamental e financiado pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – e conta com o incentivo financeiro de bolsas para os discentes, professor (a) supervisor(a) da escola pública, coordenador (a) da área e coordenador (a) institucional. Em vista dos objetivos gerais, encontram no endereço eletrônico da CAPES, o seguinte:

- *Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;*
- *Contribuir para a valorização do magistério*
- *Elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;*
- *Inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;*

- *Incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como conformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério;*
- *Contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.*

4 MEMÓRIAS DOS PIBIDIANOS

Neste capítulo, será exposto as memórias relatadas pelos bolsistas do PIBID paralelo a uma análise dos impactos pedagógicos das atividades de iniciação à docência bem como aspectos socioeconômico e culturais presentes nesses relatos.

Em sete capítulos de memórias pibidianas são evidenciadas experiências de 20 bolsistas, divididos em grupos de dois e três por capítulos, são eles: Ana Maria Sousa e Mariana Rodrigues; Eline Brito de Farias, Josefa Denise de Farias e Josinaldo Cavalcante; Mirna Miqueliny Ribeiro Souza e Maria Josivânia de Souza Silva; Jerri Adriano Correia de Brito e Jardeson de Sousa Guilherme; Tereza Raquel Gomes Batista e Waschington Alves Guedes; Eloísa Carla da Silva Rocha e Maria das Dores Bezerra da Silva; Alexandra Oliveira, Antônio Josinaldo e Bruna Costa; Missilene de Sousa Silva e Tales Rodolfo Ferreira da Silva. Seguem, pois, suas características principais e relatos pertinentes.

Ana Maria Sousa é nascida em Santa Luzia do Cariri, distrito de Serra Branca. Iniciou o curso de licenciatura em Ciências Sociais depois de casada e com filhos.

O PIBID significa para mim um mundo de realizações, de mudanças em diversos sentidos, em especial, no aprimoramento de minha atuação como futura docente. A cada nova reunião do projeto, a cada nova realização de atividades nas escolas conveniadas, vejo que tomei a decisão correta, que devo continuar trabalhando com dedicação na elaboração dos trabalhos quer que sejam para a sala de aula, que sejam para apresentação em eventos acadêmicos. (SOUSA, 2013, p.38)

Mariana Rodrigues, morava na zona rural do município de Livramento-PB. Para ir à escola, ia de bicicleta – o que a fazia chegar cansada em sala de aula. Todavia, almejou e conseguiu chegar ao ensino superior.

Entendemos o PIBID como avanço institucional impar, em relação à valorização da atividade docente. Assim, ressaltamos o caráter comprometedor do Programa, porém atentamos para o fato de que aprimoramentos são precisos não somente para evitarmos descontentamentos e desmotivações, mas para um melhor desenvolvimento intelectual de seus integrantes. (RODRIGUES, 2013, p. 40)

Eline Brito de Farias, morou até os 10 anos em fazendas, o que dificultava o acesso à escola. Porém, saiu para uma região em que tivesse mais possibilidades de estudos.

Ao entrar no mundo universitário veio aquele momento de adaptação no primeiro período, em que me senti uma pessoa perdida no mundo acadêmico, dúvidas surgiam constantemente, dúvidas com relação à questão: será que é isso mesmo que eu quero? O que fazer ao concluir a graduação? Enfrentei e ainda enfrento, muitas dificuldades quanto à escrita, não entendia muito os textos, mas para minha felicidade surgiram pessoas para me ajudar e, ao mesmo tempo em que estudava à noite, durante o dia trabalhava, ficava

muito cansada, mas comecei a gostar do curso e de algumas amizades que me ajudaram a continuar nesta batalha acadêmica (FARIAS, 2013, p. 45)

Josefa Denise de Farias, nascida no sítio do Campo Velho – PB, tentou cursar letras antes de Ciências Sociais. Sobre esse último ela diz:

O que mais tarde me encantou intensamente, moldou minha maneira de pensar, trouxe questões que já eram do meu meio, mas indagadas de maneira diferente, mais racional, ou não, explicações de autores fantásticos, a Sociologia, de fato, cativou-me e me fez perceber a sociedade de maneira distinta. (FARIAS, 2013, p. 48)

Josinaldo Cavalcante, nascido em São José dos Cordeiros, morou por um tempo na cidade do Rio de Janeiro, até voltar à Paraíba, onde fez o ensino básico no EJA. Assim, as implicações dos três alunos sobre o PIBID:

De forma geral, ser integrante do Programa PIBID nos proporcionou um crescimento fantástico e nos fez melhores, não por nos achar melhores, mas pelo fato de termos oportunidades ímpares de experiências que nos fizeram crescer, situações que só enfrentaríamos quando já docentes. O PIBID nos permitiu a antecipação desse conhecimento prévio. (CVALCANTE; FARIAS; FARIAS, 2013, p. 53)

Mirna Miqueliny Ribeiro Souza, filha de mãe professora, sempre teve incentivo aos estudos. Ao término do Ensino Médio, já pensava em prestar vestibular. Maria Josivânia de Souza Silva, primeiro contato com a escola foi em 1994. Estudou boa parte em rede particular, quando no Ensino Médio passou à rede pública.

O trabalho em grupo é um desafio que exige dos bolsistas atenção, capacidade de interação, paciência e muito respeito pelo colega, o que contribui muito para a formação do professor que irá trabalhar em grupo durante a sua vida, seja na sala de aula com os educando, seja no planejamento com colegas professores. (SILVA; SOUZA, 2013, p. 58)

Jerri Adriano Correia de Brito, quando encontrou na universidade já era casado, tinha filho e morava em São João do Cariri-PB. Com dificuldades financeiras, ganhou acesso ao restaurante universitário. Jardeson de Sousa Guilherme, natural de Sumé-PB. Devido as dificuldades financeiras, foi para a cidade de São Paulo aos 07 anos de idade.

Apesar de estarmos apenas começando, estamos muito confiantes que será uma experiência muito proveitosa para nossa carreira docente, pois já estamos em contato com a realidade das escolas e, de certa forma, aprendendo a ser cada vez mais um professor diferente, um professor que acompanhe o desenvolvimento tecnológico e use metodologias que motivem os alunos a assistirem uma aula. (BRITO; GUILHERME, 2013, p. 66)

Tereza Raquel Gomes Batista, nascida na cidade de Piancó-PB, estudou parte do ensino básico em escola pública e outra parte, através de bolsa, em escola

particular. Washington Alves Guedes, natural da cidade de Sumé-PB, teve como maior dificuldade o contato com os conteúdos, pois não lhes eram comuns. Além de dificuldades financeiras, de maneira que precisava do incentivo financeiro do PIBID.

O trabalho conjunto entre bolsista, professor supervisor e os alunos é o principal mecanismo da nossa evolução enquanto aprendizes de professor. Ao mesmo tempo em que temos a resposta imediata dos alunos durante a aula, podemos ter uma terceira perspectiva através da observação do professor supervisor que já tem experiência em sala de aula, proporcionando-nos um olhar mais crítico. (BATISTA; GUEDES, 2013, p.72)

Eloísa Carla da Silva Rocha, natural de Sumé-PB. Foi, na adolescência, para a cidade de João Pessoa-PB fazer cursinho e, de imediato, tinha como pretensão o curso de enfermagem. Maria das Dores Bezerra da Silva, vinda de família humilde, uma entre os 10 filhos, tentou vestibular mas não conseguiu, então fez o técnico em enfermagem. Posteriormente, tentou novamente e entrou no curso de Ciências Sociais.

Um dos momentos mais marcantes para nós foi o evento de Sociologia o “De Repente Beat”, que reuniu professores do Cariri para debaterem a importância da volta da disciplina de Sociologia nos Currículos Escolares do Brasil, com a presença especial do palestrante e Sociólogo, Nelson Dacio Tomazi (ROCHA; SILVA, 2013 p.80)

Alexsandra Oliveira, estudou em escolas particulares. Devido a isso, teve contato com a Sociologia logo cedo – o que a despertou para seguir na área. Antônio Josinaldo, iniciou seus estudos na zona rural, no sítio Cinco Vacas. Cursou, de imediato, o curso de letras/espanhol, para só então partir para Ciências Sociais.

Bruna Costa, estudou na zona rural no sítio de Caititu-PB, teve acesso a um projeto através da escola na UFPB *Campus* Bananeiras de Desenvolvimento Rural Sustentável. Isso fez tomar gosto pelo ambiente acadêmico.

As intervenções em sala de aula foram significativas, principalmente no que diz respeito à forma de abordagem dos conteúdos trabalhados e a interação com os alunos. Em certos momentos, no entanto, deparamo-nos com alguns empecilhos, no que se refere à atenção e participação dos educandos em nossas aulas. Assim, foi necessário elaborar materiais mais atrativos: charges, músicas, poemas, curtas metragens etc. (COSTA; JOSINALDO; OLIVEIRA, 2013, p. 87)

Missilene de Sousa Silva, natural da cidade de Sumé-PB. Mudou-se logo, na adolescência, para a cidade de São José do Egito-PE. Sempre teve o sonho de ser professora. Tentou o curso de Direito pela UFCG, sem êxito. E, posteriormente, Ciências Sociais. Tales Rodolfo Ferreira da Silva, natural de Sumé-PB, sempre teve incentivos para estudar, devido sua mãe e sua tia serem professoras.

Dentre todos os encontros, vemos o “Intercâmbio PIBID/Sociologia” como um dos principais influentes para a formação do futuro professor. Tendo em vista que ocorreram 02 intercâmbios, em Sumé-PB e em Aracajú-SE, dos quais participaram ‘pibidianos’ da UFCG, *Campus* Sumé; UFPB, *Campus* João Pessoa; UFBA, *Campus* Salvador; UFS, *Campus* Aracajú e UEVA, *Campus* Sobral. Portanto, existe uma troca de experiências entre diversas realidades, pois cada projeto explicita as atividades desempenhadas nas respectivas regiões. (SILVA; SILVA, 2013 p. 93)

Rosângela da Silva Santos, natural de São José do Egito-PE, sonhava ser professora. Alanny Araújo de Souza, natural de São José do Egito-PE, ingressou em um curso profissionalizante para professores, ainda no Ensino Médio, e conseguiu um contrato num povoado chamado Mundo Novo, em uma pequena escola. O fato fez com que se interessasse ainda mais pela docência e, posteriormente, ingressou no curso de Ciências Sociais.

Estávamos em momento de orientação da categoria fotografia, cujo tema era pobreza e, na ocasião, fazíamos visita a uma vila da cidade. Alguns alunos que se encontravam sob nossa orientação sugeriram que chamássemos uma criança qualquer para que a sujasse e assim tornasse a fotografia mais interessante. Esclarecemos que estávamos naquela localidade para retratar a realidade e não para alterar a mesma, bem como exercitar uma pesquisa e que, como tal, não podíamos alterar os dados, nesse caso, as imagens que estavam diante de nós. Enquanto discorremos esse fato, compreendemos o quão grande é a nossa responsabilidade enquanto professores de Sociologia, pela complexidade dessa disciplina e a finalidade de sua presença no currículo escolar do Ensino Médio – o auxílio na formação de cidadãos. (SANTOS; SOUZA, 2013, p.98)

A partir dessas informações, somos forçados a pensar no PIBID de Sociologia numa perspectiva dualista – uma vez que prepara o professor para lidar com a sala de aula e a entender os contextos sociais. Esse projeto modifica, também, realidades do ponto de vista socioeconômicos.

Vale destacar que, presente nos relatos, está a importância da implantação do *Campus* da UFCG, em uma região que, até então, não era tão vista e não tinha oportunidades (Cariri paraibano).

Diante disso, no capítulo que segue, veremos a partir de entrevistas recentes, enquanto produção deste trabalho entrevistas realizadas com os mesmos bolsistas protagonistas dos anteriores relatos. Assim, passamos a comparação e reflexão acerca de como esses profissionais estão seguindo na vida profissional a partir do contato com o curso de Ciências Sociais e o projeto do PIBID.

5 TRAJETÓRIAS DOS EGRESSOS

Como foco deste trabalho, o capítulo anterior evidenciou relatos das experiências vividas pelos bolsistas do PIBID de Ciências Sociais/UFCG – Campus Sumé, em que foram avaliados aspectos socioeconômicos e pedagógicos.

Partindo desse pressuposto, a leitura dessas lembranças desencadeou na busca da atual conjuntura dos componentes do projeto e uma supervisora, a fim de coletar informações de como esses estudantes estão academicamente e profissionalmente depois do curso de licenciatura em Ciências Sociais e, conseqüentemente, suas passagens pelo projeto. Dos 18 bolsistas que compuseram as memórias, o contato com a aplicação do questionário foi alcançada por 11 destes. Acredita-se que, no entanto, as impossibilidades dos demais deu-se por conta de mudanças de estado.

Do conteúdo dos questionários para os alunos – Ao terminar o Curso de Ciências sociais você se ocupou de que? O que você está fazendo atualmente e qual a contribuição do Curso de Ciências Sociais e do PIBID para o que você está fazendo hoje? E para a professora supervisora – Qual a contribuição que o PIBID trouxe para sua formação Profissional?

As questões que norteiam os questionários aplicados são de extrema importância para conseguirmos visualizar os efeitos do curso de Ciências Sociais agregado ao projeto PIBID. Isso porque acredita-se que, o aluno em formação que tenha participado de projetos como esse, certamente exerce com maior facilidade o contato com a sala de aula. Além de, do ponto de vista acadêmico os exercícios desempenhados como: reuniões, planejamentos, elaborações acadêmicas, participação em congressos, entre outras. Servem como amadurecimento e aprimoramento do futuro docente, assim como dos professores supervisores que fizeram parte do projeto. Seguem abaixo os questionários e as devidas respostas:

Questionários

Para os ex bolsistas:

1- Ao terminar o Curso de Ciências sociais você se ocupou de que?

2- O que você está fazendo atualmente e qual a contribuição do Curso de Ciências Sociais e do PIBID para o que você está fazendo hoje?

Para os Supervisores:

Qual a contribuição que o PIBID trouxe para sua formação Profissional?

Respostas dos bolsistas

Ana Maria Sousa

1- O curso de Ciências Sociais serviu muito pra meu enriquecimento cultural. Através do mesmo passei a ter um novo olhar pra sociedade e pra minha própria vida, que sofreu violência doméstica durante 30 anos da minha vida, me liberei desse mal, deixando todos os bens materiais e minha cidade natal. Tive forças pra começar do zero, fiz especialização em Direitos Humanos pela UFPB, outra em EJA pelo CDSA com Ênfase em economia solidária. Estou aposentada porque fui servidora do estado por 32 anos. Hoje, faço parte da casa da Economia Solidária de Sumé. Aproveito meus conhecimentos para ajudar algumas pessoas que precisam. Como docente, ministro aulas de artes e oficina de costuras para pessoas da comunidade que querem participar. Com isso, sempre estou em ativa fazendo algo de bom para a sociedade.

2- O curso de Ciências Sociais me possibilitou a ter um novo olhar, me valorizou como pessoa humana. Deixei de viver no senso comum, passando a ver a importância do pensamento científico. Na minha vida social, passei a ter uma mente renovada, reflexiva e interpretativa. Essa capacidade de pensar e olhar o mundo me deu oportunidades para me sentir mais segura a compartilhar minhas experiências vividas para outras pessoas que precisam de ajuda e não tiveram as minhas oportunidades de ir à Universidade, com mais de 45 anos de idade. O PIBID me proporcionou grandes oportunidades através de

intercâmbios com outras universidades do nordeste, onde conheci novos usos e costumes, novas práticas do cotidiano de outros estados, fazer uma análise com o nosso contexto escolar. O PIBID é um programa de iniciação à docência. Por isso, muito contribuí para a formação do professor.

Mirna Miqueliny

1- Me formei em 2013, enquanto trabalhava como funcionária pública do município de Serra Branca. No ano de 2015, ao voltar para Campina Grande, comecei a atuar na docência, trabalhando como Professora de Sociologia em uma escola particular do município. No ano de 2018, fui contratada pelo Governo do Estado da Paraíba para ministrar aulas de Sociologia e Filosofia no município de Baraúna, onde dava aulas ao ensino regular e EJA. No ano de 2019, após passar no processo de seleção, tornei-me Professora de uma Escola Cidadã Integral e Técnica, situada no município de Lagoa Seca, deixando de lecionar no ensino privado.

2- Atualmente, sou Professora de Sociologia de uma Escola Cidadã Integral e Técnica no município de Lagoa Seca e Pós-graduanda do Mestrado Profissional em Ensino de Sociologia. O curso de graduação foi determinante para a minha carreira docente, mesmo diante dos percalços da profissão e dos impasses quanto à permanência da disciplina no currículo oficial. O PIBID foi o primeiro contato com a docência, foi através dele que pude vivenciar as maiores experiências enquanto pesquisa, ensino e extensão, desenvolvendo habilidades e competências essenciais tanto à minha profissão, quanto à minha vida acadêmica. Visto que foi através do programa que pude enriquecer meu currículo e adquirir conhecimento, aliando teoria e prática.

Jerri Adriano Correia

1- Veja só! Quando eu terminei o curso, eu continuei lecionando em São João do cariri, como eu já fazia. Um ano depois, passei no concurso público, aqui, em Coxixola para agente de vigilância sanitária, em 2015. Comecei trabalhar, aqui, em 2016, neste cargo. E, no ano seguinte, fui remanejado para o setor administrativo da prefeitura exercendo o cargo de Diretor de departamento de contabilidade e finanças. Estou nesse último emprego até hoje.

2- A contribuição maior foi no sentido de adquirir mais conhecimento, abrir a mente para novos Horizontes, perceber uma realidade que talvez não havia percebido antes, sabes? E

com relação ao PIBID, o que mais era interessante, além do conhecimento e a bagagem das formas diferentes de lecionar que eram "testadas", foram os encontros em outros lugares para presenciarmos e poder comparar a realidade de cada lugar.

Rosângela Da Silva Santos

1- Ao terminar o curso de ciências sociais, trabalhei como coordenadora pedagógica do ensino fundamental II, em uma escola da rede municipal de São José do Egito. Esse trabalho durou 1 ano. Tive que deixá-lo porque passei na seleção do mestrado em ciências sociais, pela UFCG, em 2014. Iniciando o curso em 2015. Após concluir o mestrado, trabalhei como auxiliar de coordenação pedagógica e coordenadora de projeto em uma escola da rede privada de ensino, em Campina Grande.

2- Atualmente, estou desempregada. Estudando para concurso público. Como disse, em linhas anteriores, consegui trabalho apenas na área de coordenação pedagógica. Em sala de aula, para atuar como professora de sociologia encontrei e ainda encontro dificuldade para conseguir emprego, por "N" motivos. Até para concurso público, as vagas são extremamente limitadas para essa área. A organização da grade curricular do curso de ciências sociais, especialmente, os laboratórios de ensino e pesquisa, me ajudaram demais na minha atuação profissional. Pois, embora não tenha lecionado sociologia, a visão holística do ensino, proporcionada pelos laboratórios, me ajudaram a atuar como coordenadora pedagógica e realizar um trabalho significativo por onde passei.

Igualmente importante foi a minha trajetória no PIBID, sobretudo, pelo contato direto com as escolas da educação básica, que enriqueceu muito a minha trajetória acadêmica, unindo teoria e prática, tendo reverberado, positivamente, na minha trajetória profissional.

Eloísa Carla da Silva

1- Tentei de várias maneiras ingressar no mercado de trabalho, porém todas as tentativas frustradas. Com isso, abri meu próprio negócio e, hoje, vivo financeiramente dele.

2- O curso a contribuição primordial foi a intelectual. Infelizmente, é uma área com pouco espaço na rede de ensino. Sobre o Pibid, foi sem dúvida a melhor iniciação em sala de aula.

Me capacitou e contribuiu muito para o curso e a vivência em sala de aula, uma vez que é nosso primeiro contato com a vida docente.

Jardeson De Sousa

1- A princípio, em poucas palavras o pós formação que ocorreu a partir de maio de 2014, tratei de pesquisar sobre editais para mestrado na Paraíba e em estados vizinhos. Em paralelo a isso, dediquei-me a montagem de uma conveniência para manutenção financeira, em Sumé PB. Já que na área de formação, a possibilidade de trabalho era muito remota e como meus pais moram em São Paulo SP e, constantemente, pediam para retornar, naquele momento, não via com bons olhos o retorno contato com a vida docente.

2- Se passaram alguns anos após a formação, muitos acontecimentos particulares, o que me fez ver com bons olhos o retorno a São Paulo, o que aconteceu em janeiro de 2019. O que me motivou a voltar foi o convite do meu pai para trabalhar na empresa dele, embora não seja na área de formação. O curso de Ciências Sociais e o PIBID faz mudarmos nossa visão de mundo, abre nossa mente e consegue nos mostrar o quão complexo é ao nosso redor e, dessa forma, nos tornamos seres críticos. Os dois aliados conseguem extrair partes de nós que não imaginamos ter. Na área que trabalho, todos os dias tenho que comunicar-me com diversos públicos e, de maneira geral, não é fácil. Em comparação com a sala de aula, que, diariamente, estão presente diversos alunos com realidades diferentes, o que nos implica a constantes estudos para poder dialogar da melhor forma com eles de maneira que consiga adentrar o mundo em que vivem. Como disse Freire (P.30, 2019), “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que fazeres se encontram um no corpo do outro.” Desta maneira, procuro manter informado a respeito do público de cada dia e assim extrair o máximo possível de informação para a melhor realização do trabalho. Sendo assim, tanto o curso de Ciências Sociais como o PIBID me propiciaram aparatos e transformaram a essência do sempre querer mais, nunca estar satisfeito, pois o aprender não é estático, mas sim em constante movimento que você só para de aprender no fim da vida. Isso é apenas o princípio que levo de contribuição dessa dupla para a vida. Se aqui for mencionar as contribuições para a vida, um livro seria pouco para tantas palavras.

Eline Brito

1- Ao concluir... Olá, boa tarde! Tudo bem, Paula Wêndia? A primeira pergunta diz assim: Ao terminar o curso de ciências sociais você se ocupou de que? Né? Eu terminei o curso de ciências sociais é..., no finalzinho de 2013. Logo em seguida, eu tive uma oportunidade de sair um contrato pelo estado pra lecionar a disciplina de filosofia e integração curricular.

2- É... a segunda pergunta diz assim: O que você está fazendo atualmente e qual a contribuição do Curso de Ciências Sociais e do PIBID para o que você está fazendo hoje? Na verdade, atualmente, eu estou terminando a segunda licenciatura em pedagogia pela Uninter e estou terminando ... é... um mestrado em Ensino de Sociologia, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé, no Centro de Desenvolvimento sustentável do Semirário. E agora, né?! Eu estou desempregada. Eu estava como professora substituta no IFPB, mas quando foi em agosto desse ano, meu contrato terminou. Porque quando a gente atua é... em rede federal e você é substituto, quando chega dois anos, seu contrato é cortado imediatamente. Então, eu entrei no IFPB em agosto de 2017, então em agosto de 2019 completou dois anos, aí eu tive que sair mesmo existindo demandas, mesmo existindo a demanda na disciplina de sociologia. Na verdade, qual a contribuição do curso de ciências sociais e do PIBID. É... eu colo muito que o curso de ciências sociais foi um divisor de águas na minha vida, porque foi um momento de descobertas, foi um momento de reflexões, momento de pensar a vida de uma forma mais positiva de ver a realidade de forma mais crítica. Então, assim, o curso, ele proporcionou um arcabouço teórico que me ajudou profissionalmente, me ajudou na minha vida pessoal até nas nossas relações, nas nossas interações. É... o curso ele promoveu, ele trouxe significações de forma muito positiva. O PIBID da mesma forma, porque durante a graduação, eu entrei no PIBID quando eu estava no segundo Período e fiquei até o final, ou seja, três anos e meio eu fiquei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência e ele também foi de maneira significativa para minha vida. Foi... um projeto que permitiu para que eu conhecesse outros lugares, para que eu tivesse contato com outras culturas. O PIBID também me ajudou muito na formação enquanto professora, um dos grandes elementos, quando você ministra a aula como você adotar algumas metodologias, você tornar as aulas mais dinâmicas. Eu atribuo tudo isso ao PIBID e o PIBID ajudou também... inclusive o meu TCC também foi sobre a importância do PIBID, tanto na formação do futuro professor... e também a bolsa como fator de permanência para que os alunos permanecessem. Então, eu queria investigar isso, se essa bolsa ajudaria a permanência dos alunos, tendo em vista que muitos eram de fora, precisavam de recursos

financeiro para poder continuar na cidade de Sumé. E ai 99%, dos alunos colocaram que o programa, ele é importantíssimo, extremamente importante no que diz respeito a formação inicial, ele é também extremamente importante para a formação continuada dos professores, dos supervisores e dos coordenadores e ele também é importante porque a bolsa é um incentivo, a gente sabe que a gente está num sistema capitalista e a gente necessita de algum recurso. Na verdade, ele, PIBID e o curso de Ciências trouxe benefícios para minha vida. Isto eu estou fazendo um resumo breve.

Waschington Alves

1- Ao término do curso, passei um período de 7 meses trabalhando esporadicamente dando aulas em uma faculdade particular como também trabalhei na secretaria da Escola Estadual João Rogério. No ano seguinte, atuei como professor do Projovem Rural. Após essa experiência, ingressei no Mestrado em Ciências Sociais como bolsista.

2-Atualmente, estou Secretário de Cultura e Esportes do Município de Assunção. O curso de Ciências Sociais contribuiu para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Profissional pois ele me ofereceu o ofício de professor. Pessoal porque ninguém que entra em curso de desse sai a mesma pessoa, estudamos, analisamos, discutimos assuntos correlacionados com nossa realidade, nosso cotidiano, assim como a história e os fatos históricos. O PIBID me preparou para ser um professor melhor. O programa foi decisivo na minha formação enquanto docente, me fez construir estratégias pedagógicas, aplicá-las e reavaliá-las. Outro aspecto fundamental é contato com os alunos e com as professoras de sociologias que nos orientam a partir das suas próprias experiências em sala de aula. As trocas de experiências promovidas pelos intercâmbios e congressos onde compartilhamos as ideias e ações com outros bolsistas de outros estados e universidades também são muito importantes.

Tereza Raquel Gomes

1- Depois que conclui o curso de Ciências Sociais na UFCG-CDSA, fui aprovada na Especialização de Políticas Públicas em Gênero e Raça pela UFPB. Em seguida, passei a lecionar aulas de Sociologia em um colégio privado na cidade de Itaporanga-PB, logo após fui aprovada no Mestrado em Ciências Sociais e Humanas pela UERN. Deste modo, fui residir na cidade de Mossoró-RN.

Enquanto estive na cidade de Mossoró, tive a oportunidade de lecionar disciplinas na área de Sociologia em uma Faculdade privada. Cursei as disciplinas do Mestrado em um ano e o outro ano foi para desenvolver a pesquisa, assim, já na fase final de minha pesquisa fui selecionada para lecionar aulas na área de Sociologia como professora Bolsista do PRONATEC, na cidade de Patos, Taperoá e Itaporanga, desde modo, essa experiência só iria contribuir com meu currículo, como também não iria atrapalhar na conclusão do Mestrado, então agarrei a oportunidade.

Em seguida, passei a residir na minha cidade, Piancó e logo fui convidada para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação e Esportes, aceitei o convite, assim, passei a ser a Coordenadora do Fundamental II de toda a Rede Municipal de Ensino.

Mesmo trabalhando na Secretaria de Educação também lecionei aulas de Português através do Programa Novo Mais Educação. Também tive experiência como coordenadora de um curso de Especialização na cidade de Olho D'Água-PB.

2- Atualmente, continuo trabalhando na Secretaria Municipal de Educação e Esportes no período manhã e tarde, como também abrir um estabelecimento comercial na área de alimentação.

Na Secretaria de Educação, desenvolvo projetos pedagógicos, a fim de contribuir com a Educação no Município, realizo formação pedagógica com todos os professores do Fundamental II do município, também organizo Jornadas Pedagógicas Educacionais, realizo palestras, como também contribuo na parte administrativa da Secretaria de Educação.

Confesso que, atualmente, já fui convidada para lecionar aula de história em uma escola privada, mas não aceitei o convite, se fosse na área de Sociologia teria aceitado, a final é a área de minha formação que sou apaixonada. Atualmente também fui convidada para ser Secretária de Administração do Município, mas não aceitei o convite, o lado financeiro era alto, mas havia outras questões políticas implícitas, então por isso preferir continuar na Educação, que mesmo o financeiro sendo menor, mas é a área de minha formação, o qual me identifique bastante.

Confesso que minha vida anda bastante corrida, trabalhando muito, às vezes se torna um pouco estressante, mas só tenho a agradecer pelas oportunidades que vem surgindo.

Depois que conclui o curso de Ciências Sociais, minha vida mudou completamente. Passei a ter minha liberdade financeira, a ter uma profissão, mas o principal foi o modo como passei a ver a sociedade, o curso abriu totalmente minha mente, passei a ser um ser crítico, o curso me libertou de muitos paradigmas religiosos, passei a questionar sobre tudo, sobretudo sobre o mistério que é a vida, tão curta e tão frágil, e todos os e enigmas que a envolvem.

Tenho consciência que o curso de Ciências Sociais deveria ser bem mais valorizado, diante de seu poder de transformar o ser que a conhece, acredito que todo ser humano deveria fazer esse curso, pois o mesmo prepara para a vida.

O PIBID me fez ser a profissional que sou hoje, contribuiu com minha oralidade, com minha didática, na qual os professores que trabalham comigo me elogiam bastante por esse ponto e isso é fruto desse programa simplesmente espetacular. O Pibidiano tem experiência em sala de aula desde o início do curso, já que o não pibidiano vai ter experiência em sala somente no período do Estágio, em que é pouco tempo, conseqüentemente, o pibidiano apresentará mais domínio em sala e provavelmente tem mais chances de ser aprovado em seleções, pois se a seleção for na área da docência isso exigirá comprovação de experiência.

Geralmente, o Pibidiano se destaca mais que os outros alunos, pois ele tem a experiência da teoria e prática, o mesmo está inserido dentro da realidade escolar, portanto não tenho nem palavras pra descrever a relevância desse programa em minha vida profissional, mas a expressão que pode representa-lo seria a palavra TUDO.

Finalizo agradecendo a todos os professores que contribuíram com minha caminhada acadêmica, em especial ao professor Estrela, no qual foi o autor de minha paixão por esse programa chamado PIBID.

Alanny Araújo da silva

1- Ao terminar o curso, no ano seguinte, lecionei por três anos consecutivos na educação infantil. No quarto ano, mudou a gestão do município e logo fiquei desempregada. No ano seguinte, consegui um emprego em uma clínica de estética. No ano seguinte, retornei a Sumé para cursar o mestrado.

2- Atualmente, estou cursando o mestrado, com conclusão prevista para março e também curso uma especialização em educação contextualizada no semiárido. Durante o ano, lecionei como professora de sociologia no cursinho preparatório para ENEM no centro educacional do Cariri-CEC. Porém, o mesmo já encerrou. Agora estou desempregada.

Tales Rodolfo da Silva

1- Ao concluir o curso de Ciências Sociais, no ano de 2014, cursei outra graduação (Pedagogia) e me pós graduei.

Trabalhei em projetos sociais e programas federais, fui professor na rede municipal de ensino de Sumé e também na rede privada (Monteiro).

2- Atualmente, estou ocupando o cargo de Coordenador Pedagógico na Secretaria Municipal de Educação de Sumé.

Vejo o quanto o curso de Ciências Sociais e o PIBID foram importantes em minha vivência pessoal, acadêmica e profissional. Principalmente o PIBID, que nos preparou para atuar no mercado de trabalho, com debates, congressos, experiências em sala de aula, utilizando a prática como protagonismo para os futuros professores.

Destaca-se que o mercado de trabalho nesta área é bastante escasso, mas o curso nos abre portas para outras visões, inquietudes, realidades, que com certeza irão nos deixar preparados para futuros desafios em qualquer área de atuação.

Resposta da Supervisora

Kátia Carina Mesquita da Cruz Araujo

Sim! O PIBID contribuiu para minha formação sim. Eu digo a todo mundo como eu era antes e como sou depois do PIBID, porque quando a gente sai da academia, como no meu caso, nós não tínhamos a formação para sermos professores. Nós cursávamos, o curso inteiro, principalmente em Campina Grande que as pessoas só davam ênfase ao bacharelado, ninguém queria saber da licenciatura. Era como se a licenciatura fosse o patinho feio da história. Só quando chegávamos no último período, nós tínhamos as práticas de ensino, a gente via a parte de didática e os complementos, nós montávamos uma oficina para irmos às escolas dar aula com temas transversais, porque não tinha tema sociologia para dar nas aulas de 6º ano (antiga 5ª série) eu dei aula de sexualidade e poder. Ai... quando eu passei no concurso eu ficava na dúvida de como eu iria traduzir estes conteúdos da sociologia de uma forma legível para os meninos do Ensino Médio, pois não recebemos nem livro didático.

Eu digo assim...o PIBID, para mim, me ajudou muito. Na minha formação docente, porque foi no PIBID que eu vim aprender realmente as Práticas docentes. No primeiro ano do PIBID nós íamos, semanalmente para Sumé, nos encontrar com o Professor Estrela e com os demais Pibidianos das outras cidades para trocarmos experiências, era uma troca muito rica. E eu aprendia muito mais com os Pibianos do que eu ensinava, foi através do PIBID que eu aprendi os marcos regulatórios do Ensino de Sociologia, porque eu tinha visto pouquíssimo

na Universidade. Através do PIBID eu melhorei 90%, mas temos que caminhar muito, pois a cada dia temos que buscar conhecimento.

Eu devo muito a minha formação ao professor Estrela, ele sempre me incentivou muito, me elogiou muito e eu devo muito a Estrela por ser quem eu sou.

Percebe-se, portanto, a partir do levantamento dos dados coletados nas entrevistas, que, dos 11 entrevistados, conclui-se que apenas 02 não trabalharam na área após a formação. 04 trabalharam logo após a formação, mas não estão trabalhando nos dias atuais.

As entrevistas ocorreram durante a produção deste trabalho, de modo que a partir de dados passados pelos professores e que, no entanto, ocasionou na tentativa de encontrar os antigos bolsistas para que os mesmos pudessem evidenciar o quão importante o projeto PIBID foi enquanto graduando, assim como os reflexos em suas atuais realidades.

A partir das respostas dadas ex componentes do PIBID/Sociologia, podemos ter uma visão do quão positivo foram os efeitos intelectuais a partir da graduação em Ciências Sociais e mais ainda com a participação no PIBID.

Como levantamento profissional, vimos que boa parte desses bolsistas trabalharam na área logo após a formação, embora saibamos que a não atuação de alguns nos dias atuais é um fato que dar-se, infelizmente, pela restrição da área de Sociologia no Ensino Médio.

Em linhas gerais, em relação ao PIBID, tantos os bolsistas, como a professora supervisora, vem o projeto como grande responsável pelo crescimento pessoal e profissional. A troca de experiências sem dúvida surtiu significativo efeito na vida dos entrevistados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, vários elementos foram retirados e repensados do ponto de vista da Educação, formação do docente, currículo escolar, projetos extracurriculares e a conceituação de conhecimento poderoso. Mediante a divisão desta pesquisa, partindo das teorias levantadas pelo sociólogo Michael Young, pode-se observar o quão relevante e pertinente são as realidades do aluno, seja ele do Ensino Básico ou Ensino Superior.

Diante da discussão, ressalta-se uma necessidade de reorganização do currículo, a fim de que se consiga integrar a realidade do aluno aos conhecimentos e vice-versa. De modo que, na atual conjuntura da globalização, os currículos estão a cada dia mais técnicos. Eis o ponto em que a Sociologia, entendida como disciplina que tem o papel de auxiliar no entendimento dos fenômenos sociais, exerça efetivamente conhecimentos que indique ao homem, como ser social, a garantia de organização e diminuição das desigualdades.

Nesse sentido, a participação ativa do indivíduo em sua realidade social é de extrema importância, isso porque a objetividade toma o espaço da subjetividade. Apesar de este, ainda, possa recuperar a outrora relação de si e a realidade. Ou seja, o modo como o homem está rendido à objetividade que dá espaço ao estranhamento, individualidade e perda da sua singularidade. Tal recuperação somente é possível por meio da educação. A objetividade, pois, anula os direcionamentos que antes buscavam compreender o mundo e transformá-lo.

Diante do contexto, as intervenções que buscam-se se alcançar com o ensino de Sociologia devem se dar na perspectiva de que a educação oriente o indivíduo a se adaptar à realidade bem como traga de volta sua consciência crítica. Esta que, ao longo da história, percebe-se que a tenha distanciado de si. À Sociologia da Educação cabe, portanto, ser a mentora que o leve a pensar em si e na realidade de mundo que o circunda. Quando fala-se em educação transformada em números, podemos perceber a urgência de uma modificação em seu centro.

A partir das teorias do autor Michael Young em analogia com os dados apresentados nessa pesquisa, podemos ver que, o conceito de “conhecimento poderosos” tornou-se presente na vivência dos componentes dos PIBID – ao passo de que ainda no percurso da graduação e após, os mesmos trabalharam na perspectiva do conhecimento poderoso. Ora, isso implica em dizer que esses adquiram esse conhecimento a partir do encontro com a luz do conhecimento da Sociologia.

Ainda sobre os relatos, foi possível perceber nas memórias de suas trajetórias inúmeros pontos positivos, sobretudo quanto a superação das dificuldades sociais que muitos apresentaram. Além do mais, o grupo apresenta diversidades que quando observadas com uma visão mais ampla, pode-se ver que essas diversidades tornaram-se complemento do fortalecimento da ideia central do Programa PIBID.

De modo que, ficou evidente na fala de todos os estudantes entrevistados que, o “conhecimento poderoso” poderoso trabalhado na perspectiva da Sociologia, perpassa o fato de alguns desses não estarem exercendo funções no campo da Educação. Ora, o conhecimento poderoso é, como já vimos uma construção social, logo, entende-se que este alcançando o aluno torna-se parte dele para todos os seguimentos de sua vida, ou seja, o conhecimento poderosos se manifesta mesmo nos variáveis âmbitos da sociedade.

Em síntese, as considerações, aqui, apresentadas pretendem abrir possibilidades de questionamentos e dar o devido reconhecimento àqueles que compuseram o PIBID de Sociologia como capazes de entender que somente através da educação se transforma o mundo. Essa tarefa é, genuinamente, difícil. Contudo, o trabalho em grupo, demonstrado por o presente projeto, mostra que a distância entre conhecimento poderoso e indivíduo deve e pode ser diminuída.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Luís Viera de; ARNONI, Moreira Eliza Brefere; OLIVEIRA, Edilson Moreira de. **Meditações dialéticas na educação escolar: teoria e prática**. São Paulo: Loyola, 2007.
- ALVES, Lidiane Cunha; VIEIRA, José Glebson. (Orgs) **Desafios e perspectivas do ensino e da formação de professores de sociologia para o ensino médio**. Mossoró: UERN, 2014.
- BODART, Cristiano da Neves. A importância da Sociologia no Ensino Médio. **Carta Capital**. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/opinia0/a-importancia-da-sociologia-no-ensino-medio/amp/>> Acesso em: 10/11/2019.
- BURCHARD, Camila Pereira; SARTORI, Jerônimo. **Formação de professores de ciências: Refletindo sobre as ações do PIBID na escola**. 2011.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.
- CANDIDO, Antonio. A Sociologia no Brasil. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1 junho 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v18n1/30018.pdf>
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MALANCHEN, Julia. O REALISMO SOCIAL DE MICHAEL YOUNG E A PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA: PERSPECTIVAS E APROXIMAÇÕES NA DEFINIÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente-SP, v. 29, n.3, p.116-134, Set./Dez., 2018.
- RAMALHO, José Rodorval; SOUSA, Rozenval de Almeida e (orgs). **PIBID: memórias de iniciação à docência**. Campina Grande: Editora da UFCG, 2013.p. 09-100.
- YOUNG, M. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**, vol. 28, n. 101, set./dez. 2007
- YOUNG, M. **O currículo do futuro: da “nova sociologia da educação” a uma teoria crítica do aprendizado**. Campinas: Papius, 2000.
- YOUNG, M. Why knowledge matters for the schools of the 21st century? **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 159 159, p. 18-37, 2016.